

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE HISTÓRIA

Daniel de Castro Bacellar do Carmo

**Rurouni Kenshin e a Ocidentalização do Japão:**  
O Mangá como Fonte de Ensino da História Japonesa.

Florianópolis

2023

Daniel de Castro Bacellar do Carmo

**Rurouni Kenshin e a Ocidentalização do Japão:**  
O Mangá como Fonte de Ensino da História Japonesa.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Alex Degan

Florianópolis

2023

Carmo, Daniel de Castro Bacellar do  
Rurouni Kenshin e a ocidentalização do Japão : O mangá como  
fonte de ensino da história japonesa / Daniel de Castro Bacellar  
do Carmo ; orientador, Alex Degan, 2023.  
53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências  
Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. mangá Rurouni Kenshin. 3. ocidentalização. 4.  
objeto de ensino. I. Degan, Alex. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ATA DE DEFESA DE TCC**

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Alex Degan, Orientador e Presidente, pela Professora Daniela Queiroz Campos, Titular da Banca, e pelo Professor Carlos Eduardo de Carvalho e Silva Finochio, Suplente, designados pela Portaria nº42 /2023/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Daniel de Castro Bacellar do Carmo**, subordinado ao título:” **Rurouni Kenshin e a Ocidentalização do Japão: O Mangá como Fonte de Ensino da História Japonesa**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Alex Degan a nota final 8,5, da Professora Daniela Queiroz Campos a nota final 8,5 e do Professor Carlos Eduardo de Carvalho e Silva Finochio a nota final 8,5; sendo aprovado com a nota final 8,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia doze de dezembro de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Alex Degan

Prof.a Daniela Queiroz Campos

Prof. Carlos Eduardo de Carvalho e Silva Finochio

Candidato Daniel de Castro Bacellar do Carmo



Documento assinado digitalmente

**Alex Degan**

Data: 14/12/2023 17:23:53-0300

CPF: \*\*\*.404.488-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente

**Daniela Queiroz Campos**

Data: 15/12/2023 09:49:49-0300

CPF: \*\*\*.952.119-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente

**DANIEL DE CASTRO BACELLAR DO CARMO**

Data: 14/12/2023 17:31:06-0300

CPF: \*\*\*.717.468-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

12/15/2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Daniel de Castro Bacellar do Carmo, matrícula nº 18101253, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Rurouni Kenshin e a Ocidentalização do Japão: O Mangá como Fonte de Ensino da História Japonesa**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de dezembro de 2023.



Documento assinado digitalmente

**Alex Degan**

Data: 15/12/2023 15:20:37-0300

CPF: \*\*\*.404.488-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de reservar um espaço para agradecer o meu orientador, prof. Dr. Alex Degan, e também os membros da banca, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Queiroz Campos e o Prof. Me. Carlos Eduardo de Carvalho e Silva Finochio. Professor Carlos, que despertou em mim o interesse em história e me inspirou a seguir nesse caminho, professora Daniela, que coincidentemente iniciou sua trajetória como professora da UFSC junto com a minha trajetória como estudante na universidade e, finalmente, professor Alex, que me ajudou na definição do tema e me guiou nessa jornada tortuosa. Muito obrigado por todo o estímulo que me deram nessa caminhada e por aceitarem fazer parte da minha banca final.

Também devo agradecimento especial a algumas pessoas que me ajudaram a enfrentar tempos difíceis. Meu mais sincero obrigado a todos os meus amigos que fazem parte do F7 funcional soccer: Jéssica, Kinker, BT, Setter, Neto, Luísa e, em especial, ao Fabrício Duarte, que ficou do meu lado e colocou a mão no fogo por mim em minhas horas mais insuportáveis. Assim como meu amigo Lucas Silvestre Monteiro, que faz parte da minha vida desde 2004 e, por algum motivo, escolheu continuar do meu lado. Vocês são meus irmãos.

Em especial, quero agradecer aos meus pais, que nunca desistiram de mim e sempre me apoiaram nas minhas escolhas. Às vezes podemos não nos entender muito bem, mas sei que todas as coisas que dizem e fazem por mim vêm de um lugar de amor, e que sempre procuram dar o melhor para o meu bem. Só vocês sabem de todos os sentimentos que experimentei nesses últimos tempos. Pai, eu te amo. Mãe, eu te amo.

A todas as pessoas que fizeram parte da minha vida nessa jornada, mas que não consegui citar nesse pequeno espaço, muito obrigado.

Os problemas e as potencialidades do ensino-aprendizagem de história não estão restritos à relação professor – aluno na sala de aula, mas envolvem o meio em que o aluno e o professor vivem, os conhecimentos e opiniões que circulam em suas famílias, na igreja ou outras instituições que frequentam e nos meios de comunicação de massa aos quais têm acesso. (CERRI, 2001, p.110)

## RESUMO

O objetivo central deste trabalho é o de analisar como os mangás da coleção “Rurouni Kenshin: crônicas da Era Meiji”, criados por Nobuhiro Watsuki, contribuem para o estudo da história japonesa, e verificar a possibilidade de serem utilizados como objeto de ensino na disciplina de História. Trata-se de uma pesquisa exploratória de um estudo de caso, que busca inserir um novo material didático na prática de ensino-aprendizagem. Entende-se a princípio que os mangás japoneses podem ser considerados como instrumentos de transmissão cultural. Para atingir o objetivo traçado, foram analisados os volumes publicados, a partir da confrontação de seus conteúdos com o contexto histórico do Japão na década de 1990, e do processo de ocidentalização sofrido pelo país durante a Revolução Meiji, época onde se situa a história de Kenshin, assim como as influências que ocorreram após a 2ª Grande Guerra, períodos que foram objetos de pesquisa bibliográfica. O estudo conclui que sob a perspectiva da consciência histórica, os mangás Rurouni Kenshin, apesar de serem uma obra de ficção voltada para o entretenimento, retratam com propriedade e veracidade vários aspectos importantes da sociedade nipônica na época da Restauração Meiji, assim como a influência dos países ocidentais na reestruturação do poder político, militar, econômico e social, podendo ser integrados na didática acadêmica.

**Palavras-chave:** mangá Rurouni Kenshin; ocidentalização; objeto de ensino.



## ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze how the manga from the collection "Rurouni Kenshin: chronicles of the Meiji Era", created by Nobuhiro Watsuki, contribute to the study of Japanese history, and verify the possibility of being used as a teaching object in the subject of History. This is an exploratory case study research, which seeks to insert new teaching material into the teaching-learning practice. It is initially understood that Japanese manga can be considered as instruments of cultural transmission. To achieve the objective outlined, the published volumes were analyzed, based on the comparison of their contents with the historical context of Japan in the 1990s, and the process of westernization suffered by the country during the Meiji Revolution, time in which occurs the history of Kenshin, as well as the influences that occurred after the 2nd World War, periods that were objects of bibliographical research. The study concludes that from the perspective of historical awareness, the Rurouni Kenshin manga, despite being a work of fiction aimed at entertainment, accurately and truthfully portray several important aspects of Japanese society at the time of the Meiji Restoration, as well as the influence of Western countries in the restructuring of political, military, economic and social power, which can be integrated into academic teaching.

**Keywords:** mangá Rurouni Kenshin; westernization; teaching object

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b>MANGÁ: CONCEITOS E EVOLUÇÃO</b>	<b>6</b>
2.1	CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES DOS MANGÁS	6
2.2	SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DOS MANGÁS	11
<b>3</b>	<b>JAPÃO: OCIDENTALIZAÇÃO E DÉCADA DE 1990</b>	<b>15</b>
3.1	OCIDENTALIZAÇÃO DO JAPÃO	15
3.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA DÉCADA DE 1990	21
<b>4</b>	<b>MANGÁ RUROUNI KENSHIN: OBJETO DE ANÁLISE</b>	<b>24</b>
4.1	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	25
4.2	RUROUNI KENSHIN E O ENREDO DESENVOLVIDO NOS MANGÁS	26
4.3	INFORMAÇÕES HISTÓRICAS SISTEMATIZADAS	27
<b>4.3.1</b>	<b>Personagens e Grupos Históricos</b>	<b>27</b>
4.3.1.1	<i>Kenshin Himura</i>	27
4.3.1.2	<i>Sanosuke Sagara e o Sekihoutai</i>	29
4.3.1.3	<i>Shinsegumi e Hajime Saitou</i>	30
4.3.1.4	<i>Udou Jin-e</i>	32
4.3.1.5	<i>Makoto Shishio</i>	33
4.3.1.6	<i>Anji e a “erradicação do budismo”</i>	35
<b>4.3.2</b>	<b>Tecnologia</b>	<b>36</b>
<b>4.3.3</b>	<b>Arquitetura</b>	<b>38</b>
<b>4.3.4</b>	<b>Vestimentas</b>	<b>39</b>
<b>4.3.5</b>	<b>Gastronomia</b>	<b>40</b>
<b>5</b>	<b>MANGÁ RUROUNI KENSHIN COMO OBJETO DE ENSINO</b>	<b>42</b>
5.1	CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA	42
5.2	POTENCIALIDADES DO MANGÁ NO ENSINO DE HISTÓRIA	43
5.3	PONTOS CONSOANTES	44
5.4	POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA	45
<b>6</b>	<b>COMENTÁRIOS FINAIS</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>
	<b>APENDICE A – VOLUMES SAMURAI X</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de um dia comum em sua vida, qualquer pessoa tem o potencial para receber novas e variadas informações. No decorrer de seu cotidiano, um sujeito está continuamente exposto a novas formas de conhecimento que são recebidas por maneiras e lugares diferentes, quer o sujeito queira ou não, percebendo ele ou não. Novas informações podem ser obtidas através de periódicos, de jornais impressos, de livros, ou até mesmo de conversas banais com amigos, familiares ou colegas de trabalho, assim como de conteúdos escolares e acadêmicos. O indivíduo é um grande receptor constante de conhecimento, a partir do qual pode ampliar ou alterar suas idealizações e críticas a respeito de assuntos diversos.

Atualmente, com o enorme avanço tecnológico vivenciado em todo o mundo, novas formas de compartilhamento de conteúdos de todos os tipos surgiram. Até mesmo a televisão, com toda a sua vasta programação, vêm perdendo espaço para as mídias digitais, os novos veículos detentores de conhecimento. Esse avanço tecnológico permite maior e mais fácil acesso a fontes de culturas diferentes e locais distantes. Um indivíduo pode assistir séries e documentários coreanos, por exemplo, escutar um *podcast* em inglês ou realizar uma visita online a um museu que se encontra no continente europeu.

Dentre tantos meios e conteúdos possíveis, para o ensino, aprendizagem e compartilhamento de conhecimentos, o presente trabalho definiu como objeto central de estudo e análise o mangá, histórias em quadrinhos de origem japonesa, entendendo como princípio que se trata de um instrumento de transmissão cultural. A partir da obra de Nobuhiro Watsuki, intitulada “Rurouni Kenshin: Crônicas da Era Meiji”, ou Samurai X, como é conhecido no Brasil, será investigado como os mangás podem contribuir para o estudo e ensino da história japonesa, e apontar as possíveis utilizações na disciplina de história, assim como em que nível de aprendizado.

Os mangás representam um fenômeno de comunicação em massa, e são consumidos por jovens do mundo inteiro, de acordo com Luyten (2003). Esta colocação encontra consonância com a própria experiência deste autor que teve o interesse pela leitura do mangá ao início da adolescência e assistiu o mesmo acontecer em seu círculo de amigos.

Visto os mangás serem uma característica da cultura nipônica e suas diversas produções retratarem momentos, especificidades e informações sobre a

sociedade japonesa, em épocas diversas, com ênfase em diferentes aspectos, entende-se que é uma farta fonte de pesquisa popular ou disseminação de informações sobre costumes, tradições e valores desta sociedade, e que pode colaborar como uma ferramenta a mais na educação.

O Brasil é um grande consumidor de histórias em quadrinhos (HQ). Com grande destaque para as produções estadunidenses e japonesas, as HQs encontram, em território brasileiro, um grande público composto não somente por jovens e crianças, mas também por adultos, homens e mulheres.

As HQs sofreram restrições ao início de sua divulgação no Brasil, na época de 1930, por preconceitos e xenofobia, porém, aos poucos sua aceitação ampliou-se, e, na década de 1970 já eram utilizados como materiais pedagógicos. Sobre este assunto Silva (1984, p.55.) coloca que:

Em virtude da aceitação e do uso generalizado, as histórias em quadrinhos foram introduzidas nos livros didáticos como recurso adicional à aprendizagem. Passaram a ser um instrumento de ensino para adultos e, principalmente, para crianças. E tratam de assuntos os mais diversos, como Matemática, Comunicação e Expressão, Ciências Físicas e Biológicas, História, Moral e Civismo, Religião e outros temas do interesse da escola.

No caso dos mangás, mais especificamente, as décadas de 1990 e 2000 foram muito significativas, podendo ser observado um aumento expressivo na circulação de inúmeras obras, após o grande sucesso de algumas animações. Lideradas por Cavaleiros do Zodíaco<sup>1</sup>, animações como Sailor Moon<sup>2</sup> e Dragon Ball<sup>3</sup> abriram caminho para a cultura dos mangás no Brasil. Durante a década de 2000, foram lançadas, dentre muitas obras: Cowboy Bebop, Death Note, Inuyasha, Slam Dunk, Afro Samurai, Berserk, Bleach, Gantz, Naruto e Sakura Card Captor. Percebe-se, assim, a grande popularidade do mangá. A figura 1.1 inserida a seguir mostra uma imagem representativa dos Cavaleiros do Zodíaco, anteriormente citado.

---

<sup>1</sup> Série japonesa de mangá e anime escrita e ilustrada por Masami Kurumada. Publicada originalmente na revista *Weekly Shōnen Jump* de dezembro de 1985. O personagem principal é um órfão chamado Seiya, forçado a ir ao Santuário na Grécia para obter a Armadura de Bronze de Pégaso, uma veste usada pelos 88 guerreiros da deusa grega Athena, conhecidos como Cavaleiros.

<sup>2</sup> Série de mangá escrita e ilustrada por Naoko Takeuchi entre 1991 e 1997. A história gira em torno de defensoras renascidas de um reino que está ameaçado pelas forças do mal. A simbologia utilizada na obra é baseada na mitologia e astrologia.

<sup>3</sup> Série de mangás criados por Akira Toriyama, e foram publicados na *Weekly Shōnen Jump* de 1984 a 1988. Posteriormente foram transformados em animes e televisionados.

Figura 1.1 - Os Cavaleiros do Zodíaco



Fonte: BRUNHOLO, 2016.<sup>4</sup>

Levando em consideração o grande apelo que os mangás apresentam entre os brasileiros, optou-se pela escolha dessa forma literária para o desenvolvimento de práticas e instrumentos orientados para o ensino de história. Tendo crescido exatamente na época de maior avanço da circulação de mangás no Brasil, este autor pode perceber como essa cultura está inserida no cotidiano de muitas pessoas, principalmente jovens. Não somente mangás e animes, mas eventos de grandes proporções passaram a ser realizados, como o Anime Friends<sup>5</sup>, em São Paulo. Dessa forma, uma vez que os alunos estão inseridos nesse universo, acredita-se ser de grande proveito o uso do mangá para o ensino de história.

O mangá de Nobuhiro Watsuki introduz ou faz menção a diversas pessoas renomadas da história nipônica e também apresenta eventos históricos no Japão, desde batalhas reais a assassinatos de políticos importantes, além da relação com o Ocidente e as influências dessa relação. Através dos personagens, do enredo e das representações da época, pode-se estudar melhor como era a sociedade japonesa do período retratado e até no período em que foi elaborado.

Muitas pesquisas acadêmicas já foram desenvolvidas sobre o assunto, assim como foram publicados artigos e livros diversos. A diferença para o presente trabalho é que é direcionado especificadamente para o ensino de História e propôs-

---

<sup>4</sup> Brunholo, Clarissa. 11 Curiosidades sobre Cavaleiros do Zodíaco para despertar seu sétimo sentido. IGN Brasil, 2016. Disponível em: <https://br.ign.com/lista/17510/feature/11-curiosidades-sobre-cavaleiros-do-zodiaco-para-despertar-seu-setimo-sentido>. Acesso em: 25 out. 23.

<sup>5</sup> Evento direcionado a animes, mangás e cultura japonesa em geral. A primeira edição no Brasil realizou-se em julho de 2003 na cidade de São Paulo.

se a verificar a relação das narrativas com a época em que foi escrito e não somente com o período que retrata.

Para alcançar os objetivos traçados foram estabelecidos os seguintes caminhos:

- a) analisar o período histórico retratado nos mangás especificados Restauração Meiji, através da leitura crítica dos diversos capítulos, relacionando as informações obtidas sobre este período através de pesquisas bibliográficas;
- b) pesquisar sobre o contexto do Japão na década de 1990 quando estes mangás foram criados, de modo a relacionar a cultura da época de quando foram desenvolvidos, com o conteúdo publicado;
- c) verificar através de pesquisas bibliográficas como o processo de ocidentalização do Japão se desenvolveu após a 2ª Grande Guerra, e quais foram suas consequências no sistema político, econômico, social e cultural do país;
- d) estudar sobre a cultura dos mangás, início, desenvolvimento, público e objetivos, e;
- e) verificar e analisar, a partir desta série de mangás específica as possibilidades da introdução deste gênero de leitura como objeto de ensino de modo a auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Norteando todos os pontos colocados têm-se as funções sociais da história, pois este trabalho busca verificar nos mangás selecionados os aspectos socioculturais do povo nipônico em determinado período que possam contribuir para o entendimento do desenvolvimento de sua sociedade. A comparação e cruzamento entre as informações contidas nos mangás sobre a cultura nipônica no período da Restauração Meiji e a história registrada e analisada nos anos pós 2ª Grande Guerra no Japão permitirá a verificação das veracidades e das possíveis fantasias inseridas para o desenvolvimento das tramas escritas, e conduzirá para as conclusões a respeito da inserção deste mangá como novo objeto de ensino, seja em sua totalidade, ou de modo parcial e restrito.

O interesse e definição pelo tema foram decorrentes do conhecimento prévio destes e outros mangás, cujas leituras tiveram início durante a adolescência, e que

tiveram uma forte influência no autor pelo apreço à cultura nipônica, tanto na questão da História, como na posterior aprendizagem da língua japonesa.

Pretende-se com este estudo contribuir para a inserção de mais este material na prática do ensino-aprendizagem da história japonesa, promovendo reflexões não somente sobre o período histórico em si, mas também sobre os efeitos da ocidentalização de uma nação que desenvolveu-se de maneira fechada com características singulares.

A temática da história do Japão é pouco contemplada na grade curricular nacional tanto no ensino Fundamental como Médio, com exceção de períodos específicos como a atuação na 2ª Grande Guerra, por exemplo. Mas acredita-se que possa ser empregada para suscitar novos debates e consciência crítica a partir do momento que teve algumas peculiaridades de sua identidade alteradas devido a influências externas, como o trabalho ora apresentado pretende demonstrar através do estudo destes mangás.

## 2 MANGÁ: CONCEITOS E EVOLUÇÃO

As histórias em quadrinhos diferem em suas apresentações de acordo com a cultura e costumes dos locais onde são produzidos, e também recebem nomenclaturas diferenciadas.

Mangás, de uma maneira simples, são histórias em quadrinhos de origem japonesa. Trazem as características e especificidades de sua sociedade e cultura, com diagramação, forma de leitura, e traços particulares nos desenhos dos personagens.

### 2.1 CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES DOS MANGÁS

Em relação às suas características técnicas, os mangás são produzidos em papel jornal com tinta nanquim preta e branca. As histórias possuem uma narrativa sequencial e são capazes de transmitir ao leitor a ideia de constante movimento. Além da narrativa sequencial dos quadrinhos, nota-se a presença dos balões de falas, dos personagens regulares nas publicações, do uso de linhas paralelas que ajudam a demonstrar movimento, do grande destaque de onomatopeias, e também de recursos para expressar sentimentos dos personagens, como uma gota escorrendo da testa podendo significar raiva, impaciência ou frustração.

Importante destacar, também, que a ordem de leitura do mangá, tendo como base as HQs ocidentais, é inversa: a ordem de leitura acontece da direita para a esquerda, visto ser a forma habitual de leitura dos textos japoneses. Essa é a estrutura atual dos mangás, que passou por vários estágios até adquirir as características atuais.

A figura 2.1 traz um exemplo de uma página de mangá denominado Sakura Card Captor<sup>6</sup>, de maneira a ilustrar as informações do primeiro parágrafo, como as linhas indicando movimentos e o choro e desespero de uma das personagens, enquanto a figura 2.2 permite visualizar a ordem natural de leitura dos mangás, da direita para a esquerda.

---

<sup>6</sup> A série de mangás denominados de Sakura Card Captor são de autoria do grupo CLAMP (parceria de 12 garotas que criavam mangás de forma independente) e foi publicada na revista Nakayoshi de 1996 a 2000, num total de 12 volumes. Foi um dos primeiros mangás publicados em leitura oriental.

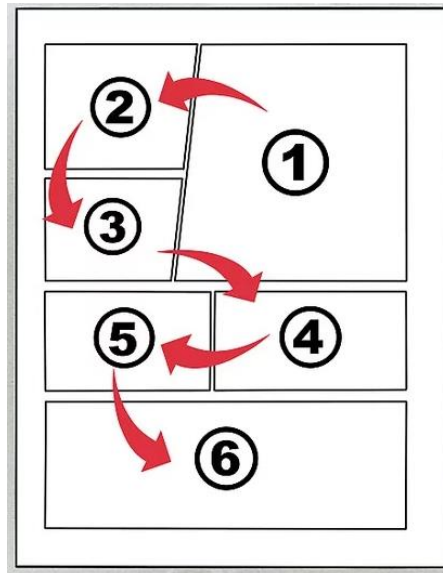


Figura 2.1 - Exemplo de página de mangá, Sakura Card Captor



Fonte: CLAMP, volume 1, p. 44, 2011.<sup>7</sup>

Figura 2.2 - Ordem de leitura do mangá



Fonte: Equipe wikiHow, 2023

<sup>7</sup> Esta série de mangás foi publicada no Brasil pela Editora JBC, primeiramente em 24 fascículos nos anos de 2001 e 2002, com a segunda edição em 12 volumes em 2011.

Importante ressaltar a razão do papel jornal. Este material passou a ser utilizado após a 2ª Grande Guerra devido à escassez de recursos materiais e financeiros, e a impressão passou a ser monocromática. A tradição foi perpetuada apesar da alteração das condições financeiras do país. Observa-se que as edições no Brasil atualmente não são todas realizadas neste tipo de papel, mas continuam com a impressão em branco e preto.

Uma característica marcante nos desenhos dos mangás são os olhos grandes dos personagens, característica essa que surgiu nas obras de Osamu Tezuka, um grande *mangaká*, ou cartunista, japonês. Tezuka trouxe para o mangá características como os olhos grandes e as pernas compridas, que continuam até hoje a marcar presença nas publicações mais variadas. Segundo Moliné (2006) os desenhos acentuados dos olhos objetivam representar o sentimento e emoções do personagem de maneira a sensibilizar o leitor. Esta ponderação não foi realizada somente a respeito das obras de Tezuka, mas de uma maneira geral em relação aos mangás.

Tezuka publicou várias obras, mas seu maior trabalho foi Astro Boy, ou Poderoso Atom, entre os anos de 1952 a 1968, primeiro mangá a ganhar uma adaptação para a televisão japonesa, promovendo, assim, um grande avanço à indústria dos animes.

A figura 2.3 a seguir foi retirada de uma série de mangás produzida por Tezuka, obra conhecida no Brasil como “A Princesa e o Cavaleiro”<sup>8</sup>, e que foi originalmente criada para o público infantil feminino. Pode-se observar facilmente as características apontadas anteriormente, como os olhos grandes e as pernas compridas

---

<sup>8</sup> Publicado no Brasil pela Editora JBC em oito volumes nos anos de 2003 e 2004.

Figura 2.3 - A Princesa e o Cavaleiro



Fonte: OTAGEEK, 2023<sup>9</sup>

No entanto, os mangás não possuem um estilo único, variando em traços e temas. Inclusive, as histórias em quadrinhos japonesas tem uma classificação muito bem definida em relação ao seu público alvo. Dentre as muitas classificações, destaque quatro: as HQs destinadas às meninas e as voltadas aos meninos, que são as categorias mais conhecidas, os mangás didáticos e também os mangás considerados históricos. Importante destacar que as obras não se encaixam em apenas uma categoria; uma obra pode ser classificada, por exemplo, como um mangá policial que apresenta elementos românticos ou humorísticos, ou como um mangá didático sobre finanças, para um público mais maduro.

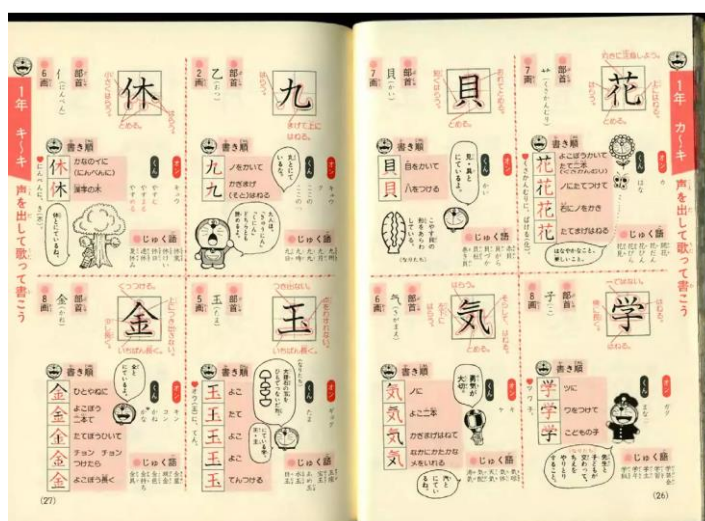
As HQs femininas são denominadas de *mangá shoujo* e exploram o conteúdo melodramático e romântico, com traços muitas vezes delicados. Nas revistas dedicadas às meninas podem ser encontradas diversas propagandas sobre produtos de beleza e acessórios, assim como reportagens sobre famosos e letras de músicas. Para os rapazes são produzidos os *mangá shonen*, e as revistas para esse público costumam abordar uma ampla gama de temas como esportes, reportagens sobre artistas e competição entre escolas, assim como novidades na área de brinquedos, robôs e vídeo games. Independente do tema definido, trazem no bojo

<sup>9</sup> Disponível em: <https://otageek.com.br/o-retorno-de-a-princesa-e-o-cavaleiro-pela-jbc/>. Acesso em 19 set. 23.

das histórias “o espírito japonês que dá ênfase à rigidez moral e o fortalecimento do espírito, algo muito semelhante ao código de conduta do *bushido* – o caminho do guerreiro samurai” (Luyten, 2003).

Existem também as revistas e mangás didáticos. As revistas didáticas costumam ser dedicadas ao público infantil e seus volumes são divididos conforme a série e a idade dos estudantes. Além das histórias em quadrinhos, contém diversos artigos relacionados às matérias escolares, assim como experiências científicas e também a matéria do mês que está sendo passada nos livros didáticos. Um recurso interessante para atrair a atenção dos estudantes é a utilização de personagens famosos, como Doraemon<sup>10</sup>, para ensinar diversos assuntos escolares. Segundo Luyten (2012), “na forma de entretenimento, as revistas didáticas auxiliam a criança no desenvolvimento escolar sem a proposta rígida dos livros”. No entanto, atualmente os mangás informativos não estão limitados apenas ao público infantil. Qualquer assunto mais complexo pode ser trabalhado em quadrinhos, que abordam desde princípios políticos e financeiros até a história do Japão. A figura 2.4 exemplifica uma revista didática com a utilização do personagem Doraemon ensinando ideogramas.

Figura 2.4 - Exemplo de Revista Didática



Fonte: Learnig Japanese with mangá, 2015<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Doraemon: mangá criado por Fujiko F. Fujio. A série é sobre um gato robótico chamado Doraemon que voltou dois séculos no passado para ajudar um estudante desastrado: Nobita Nobi.

<sup>11</sup> Doraemon kokugo omoshiro kouryaku utatte kakeru shougaku kanji 1006. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/vietnt2d/doraemon-kokugo-omoshiro-kouryaku-utatte-kakeru-shougaku-kanji-1006>. Acesso em: 18 ag. 23

Finalmente, existem obras que retratam épocas variadas, principalmente da história do Japão. Com a junção de uma pesquisa minuciosa em cima de documentos históricos e o próprio imaginário, os autores dos mangás históricos apresentam um trabalho que demonstra uma imagem fiel de determinada época e sociedade, mas com elementos de fantasia (Barbosa, 2005). Nesse gênero de mangá, podem ser encontrados os heróis “clássicos” ou guerreiros invencíveis, mas também personagens complexos que se desenvolvem em meio a histórias de amor, humor e fantasia.

Os mangás geralmente trazem personagens próximos à realidade social da época escolhida para relatar a história, e muitos mangás retratam uma figura bastante conhecida e histórica do Japão: os samurais. Esse é o caso da obra escolhida como objeto do presente trabalho. Rurouni Kenshin é uma obra que apresenta muitos elementos de fantasia, mas com forte precisão histórica. Além das páginas recheadas de ação, o mangá também contém quadrinhos com explicações sobre pessoas e acontecimentos importantes da época, assim como explicações de técnicas de luta e influências ocidentais, como na gastronomia, além de notas de rodapé em diversas páginas onde são explicados os locais ou a figura no qual o personagem é baseado. Publicada originalmente na revista semanal Shonen Jump, da editora Shueisha, é um mangá voltado para meninos, o que não impede que meninas também apreciem a obra, a qual contém momentos de humor e romance. Inclusive, o próprio autor, Nobuhiro Watsuki, afirmou, ainda no início da obra, que a maioria das cartas de fãs eram enviadas por meninas.

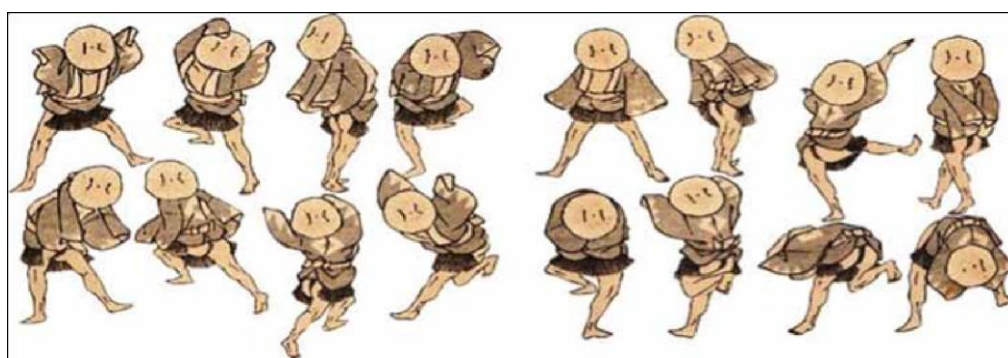
## 2.2 SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DOS MANGÁS

O surgimento do mangá moderno aconteceu no século XX, mas suas raízes podem ser remontadas aos *e-makimono*, tipo de desenho muito popular nos séculos XI e XII. O desenho era pintado em forma sequencial em um grande rolo que, conforme o narrador avançava na história, era desenrolado (Furuyama, 2008).

De acordo com Luyten (2014) o termo mangá foi introduzido pelo artista japonês Hokusai (1760-1849), e significa desenhos irreverentes. Luyten afirma que esta nomenclatura surgiu devido à série de estudos sobre movimentos e expressões desenvolvidas por Hokusai, onde ele utilizava livremente de todos os limites de espaço, tempo e movimento, demonstrando em sua arte a autonomia,

espontaneidade e irreverência. Hokusai foi o primeiro a utilizar as imagens dos desenhos em sequência, que são a base das histórias em quadrinhos. A figura 2.5 a seguir permite visualizar um dos esboços produzidos por ele.

Figura 2.5 – Esboços elaborados pelo artista japonês Hokusai



Fonte: Luyten, 2014, p.3

O desenhista Rakuten Kitazawa adotou e consagrou a nomenclatura mangá em seus trabalhos. Com atuação artística no período pós-abertura dos portos, teve acesso a revistas de humor de moldes ingleses e franceses, que influenciaram sua produção e a de vários outros artistas japoneses. Kitazawa é considerado o fundador do mangá moderno, tendo sido o primeiro verdadeiro autor de quadrinhos japoneses.

Em 1877 foi criada a primeira revista japonesa de humor, *Marumaru Shimbun*, que teve duração de 30 anos. Ao início reproduziam as histórias norte-americanas, mas deram início à produção local quando se aperceberam de que estas histórias diferiam da cultura japonesa.

A partir de 1920 teve início a produção para o público infantil, e após a 2ª Grande Guerra, para o público adolescente, faixa etária de 11 a 18 anos, agora com o público alvo dividido entre garotas e rapazes (Luyten, 2003). As características dos *mangá shonen* e *shoujo* foram abordadas no item anterior. Além destes, também existem publicações para o público adulto. Esta classificação deixa de existir quando da divulgação e tradução para o exterior.

No período pós-guerra, houve um renascimento dos mangás no Japão. Para Luyten (2012) foram vários os fatores envolvidos nessa nova força dos quadrinhos japoneses. Em contraposição com o forte sentimento imperialista militar que marcou

presença nas décadas anteriores e ditou, inclusive, o conteúdo das revistas de histórias em quadrinhos, aconteceu uma explosão de novos temas, fugindo do tema bélico.

Os outros fatores, por outro lado, estavam relacionados à extrema pobreza em que se encontrava grande parte do Japão. Conforme dito anteriormente, a falta de recursos levou à adoção do papel jornal na impressão dos mangás. Em Osaka, surgiram os chamados *Akai Hon*, literalmente “livros vermelhos”, devido à sua capa vermelha. Eram livros pequenos e bem baratos, vendidos nas ruas, e daí surgiram muitos mangakás, como o próprio Osamu Tezuka. Finalmente, foram criadas organizações que produziam exclusivamente mangás com um sistema de empréstimo a preços muito baixos.

O florescimento da economia japonesa nas décadas seguintes, após um período de “auxílio” por parte dos Estados Unidos, com uma grande reforma agrária, não implicou em uma queda na popularidade dos mangás. Luyten (2012) aponta para uma necessidade da existência dos mangás dentro da sociedade nipônica. Não é desconhecido que a população do Japão se encontra em um ambiente de grande competitividade e falta de oportunidades. Dessa forma, há uma forte cobrança por resultados desde as idades mais jovens, gerando um estresse contínuo que tem início no sistema educacional e se estende para o ambiente de trabalho, acompanhando o indivíduo e resultando em apatia ou depressão.

Dentro desse contexto, as histórias em quadrinhos oferecem uma fuga ao estresse diário. O leitor encontra nos quadrinhos, não somente uma fonte de entretenimento, mas também uma identificação com os personagens, uma vez que estes são concebidos a partir do mundo real, diferentemente dos heróis dos quadrinhos ocidentais, com os quais o leitor japonês não possui uma proximidade. Em seu trabalho, Luyten cita uma fala de Takao Igarashi, editor chefe da revista *Shonen*, em 1986, que exemplifica muito bem esse pensamento: “enquanto no Japão existir a massa de trabalhadores assalariados e a extrema competição em torno da educação, o mangá sobreviverá”.

Os mangás tornaram-se conhecidos fora do Japão principalmente devido aos desenhos animados, animes, divulgados primeiro nas televisões e posteriormente nos cinemas. Apesar de o interesse internacional ter iniciado na década de 1970, somente em meados da década de 1990 a indústria cinematográfica japonesa atribuiu aportes para a produção dos animes. No Brasil a

divulgação teve início anterior devido à comunidade descendente de japoneses. Segundo Luyten (2003, p.8)<sup>12</sup>:

A leitura do mangá para a comunidade japonesa representava dois segmentos importantes: um era a manutenção da língua e o outro a aquisição ou aprendizado de novos termos, principalmente os incorporados da língua inglesa. Sua função foi a de manter a língua coloquial viva para os que estavam fora do Japão.

Resultado de uma forte imigração japonesa no início do século XX, o número de descendentes de japoneses no Brasil é enorme. Como dito anteriormente, o público consumidor de mangá não é composto apenas por jovens, mesmo que esses possam ser a maioria, mas também por adultos. O Brasil, segundo Moliné, é “o país onde reside a maior colônia japonesa fora de sua terra natal, principalmente na área de São Paulo” (2004, p.62). Mesmo os imigrantes da época traziam alguns mangás consigo. Além disso, o boom na circulação de mangás a partir dos anos 1990 fez com que aumentasse o interesse pela cultura e costumes do Japão. Logo, a utilização do mangá como recurso didático é não somente adequada, como também extremamente vantajosa, visto sua expressiva difusão no público jovem da sociedade brasileira.

---

<sup>12</sup> O artigo não tem numeração registrada. A contagem foi realizada pelo autor deste trabalho. No total o artigo possui 16 páginas.



### 3 JAPÃO: OCIDENTALIZAÇÃO E DÉCADA DE 1990

A partir do fato de que os mangás são de origem japonesa, e de que a coleção definida para análise representa um período específico de sua história, é imprescindível analisar o contexto socioeconômico e cultural no qual foram produzidos. Os itens a seguir tratam primeiro do processo de ocidentalização desta nação, com a alteração de alguns de seus costumes tradicionais, e a mudança em sua política de isolamento, denominada de *sakoku*, país fechado, e, em seguida discorre sobre a década de 1990 quando os mangás foram criados, de modo a permitir o cruzamento de informações entre a história oficial registrada através de documentos publicados com os dados históricos trazidos nos vários contos que compõem a coleção. Procura-se separar assim a realidade da fantasia de modo a autenticar seu emprego como objeto pedagógico.

O Japão pode ser considerado uma nação de extrema importância no cenário internacional simplesmente pelo fato de quase ter sido aniquilada ao final da Segunda Grande Guerra Mundial quando foi vítima de um ataque nuclear. Porém, além de não terem sido aniquilados, desenvolveram-se economicamente, tornando-se nesse campo uma das nações mais poderosas (Henshall, 2014) e mantiveram uma alta homogeneidade étnica, sem relevantes miscigenações.

#### 3.1 OCIDENTALIZAÇÃO DO JAPÃO

De uma forma simplista, pode-se localizar o início do processo de ocidentalização do Japão no espaço e no tempo com a abertura dos portos ao final do período do xogunato, devido a pressões externas, principalmente norte-americanas. A abertura dos portos para embarcações de outras nações foi um fato que acirrou a já existente rebelião a favor da restauração imperial, e deu início ao fim do isolamento do país. No ano de 1853 os Estados Unidos exigiram através do Comodoro Matthew Perry a abertura dos portos para aprovisionamento e fornecimento de combustível para as embarcações que navegavam na região, além de uma abertura ao comércio. O shogun Tokugawa, o líder na época consultou os

*daymyos*<sup>13</sup> e no ano seguinte assinou o Tratado de Kanagawa, abrindo desta maneira o país para o Ocidente (Henshall, 2014).

Basicamente pode-se considerar que o processo de ocidentalização teve dois grandes momentos: durante a Era Meiji, e na ocupação pós-guerra que teve início em 1945. O espaço entre esses dois períodos foi ocupado pela volta do imperialismo de maneira militarizada, que descontinuou o processo de ocidentalização e democratização. Portanto, são dois períodos distintos, mas que impactaram o país em sua identidade, alterando costumes e cultura. Não se discute aqui, neste ponto do trabalho, os benefícios ou malefícios das mudanças advindas de influências externas, mas é importante para a análise final dos mangás em questão.

A Restauração Meiji, com suas ações e alterações na organização sociopolítica, deu prosseguimento ao processo de ocidentalização. A colocação de Walker (2021, p.189) resume precisamente o período de transformações, com ênfase na questão econômica e militar.

O nacionalismo radical imperial do início do século XIX rendeu-se a uma *realpolitik* com os EUA e a Europa, em que a modernização se tornava a preocupação da política, cultura e sociedade japonesa. Os reformadores da Era Meiji tentaram acelerar o Japão até a era moderna com seus governos constitucionais, poderosos barcos a vapor, e fábricas com 24 horas de iluminação elétrica. Tendo a orientação de poderosas políticas e filosofias, os reformadores Meiji reinventaram o Japão do final do século XIX e início do século XX. Eles moldaram o Japão em um país que, menos de meio século mais tarde, se tornaria uma potência econômica e militar do mundo.

Necessário ressaltar alguns trechos da citação acima. Primeiro sobre a industrialização, que alterou o modelo econômico do país, e segundo sobre o Japão se tornar uma potência econômica e militar. A modernização de uma nação, através da influência de nações ocidentais de acordo com seus modelos.

A Era ou Restauração Meiji como esse período também é denominado teve início em 1868 quando o imperador Meiji marchou da antiga capital Kyoto para Edo, após anos de batalhas com os xoguns, onde foram utilizadas armas de fogo ocidentais e também utilizados manuais de estratégia europeus (Goto-Jones, 2019, p. 55). Tem-se aqui, portanto, o exemplo de uma forte influência ocidental alterando o modo de guerrear, alterando a cultura dos samurais e suas espadas.

---

<sup>13</sup> *Daymios*: grandes senhores de terras no Japão.

Neste mesmo ano foi promulgada a Carta de Juramento, onde o novo governo se comprometia a implementar cinco medidas radicais, a saber:

- a) criação de assembleias deliberativas de modo a envolver a sociedade no processo decisório;
- b) estimular a participação da sociedade nas questões do Estado;
- c) permitir o acesso de todas as pessoas a todos os tipos de ocupações e funções, sem restrições;
- d) adotar as leis racionais da natureza abandonando as superstições, e,
- e) buscar conhecimento em todas as partes do mundo a fim de fortalecer o Japão ( Goto-Jones, 2019).

A análise destas medidas pretendidas aponta para uma decisão de instalar e propagar princípios diversos de governança quando comparados com o tradicional que caracterizava esta nação.

As principais mudanças na Era Meiji, de acordo com Walker (2017) foram:

- a) a construção de estradas de ferro com locomotivas a vapor: a primeira estrada foi finalizada no ano de 1872, entre Tóquio e Yokohama;
- b) foram eliminados todos os registros de propriedade dos domínios. Estes passaram a ser considerados como províncias e os *daymyôs* passaram a ser denominados de governadores. Foi assim finalizado um período onde o nepotismo sem limites foi desinstitucionalizado;
- c) o imperador passa a ser a autoridade única da nação, e troca suas vestimentas por trajes de marechal prussiano;
- d) foi estabelecida uma força policial centralizada, sob o comando do Ministério do Interior, alterando as práticas de imposições legais regionais. Os samurais deixam de exercer o domínio militar, e em sua nova posição, é lhes permitido exercer outras funções. Ao invés da hereditariedade dos samurais, o novo período passa a praticar uma política nacional de recrutamento;

e) o sistema social foi desmantelado e foram criadas novas categorias, alterando a antiga pirâmide social. Em 1871 foi criada a Lei de Registros das Famílias, com a divisão da sociedade em quatro categorias. Porém, um ano mais tarde a classe dos plebeus abrangia a maioria das pessoas, pois absorveu as antigas categorias banidas do antigo sistema social, os párias. O fator determinante para a inserção em uma classe social passou a ser a distância entre o indivíduo e o imperador, ao invés do seu modo de subsistência.

A partir da análise do exposto acima é possível verificar que o Japão passa de um sistema similar ao sistema feudal que o caracterizou por décadas, para um novo sistema de organização social, econômico e político, alterando também, em decorrência, tradições e costumes.

Após a derrota na 2ª Grande Guerra, o Japão foi ocupado pelas forças aliadas, com a presença de norte-americanos e britânicos, estes últimos em número reduzido, chefiada pelo general Douglas MacArthur como o Comandante Supremo das Forças Aliadas<sup>14</sup>. Apesar do objetivo principal dos Aliados ser a de destruir a capacidade dos japoneses em deflagrar uma nova guerra, assim como punir os criminosos, os objetivos dos EUA eram a instauração de uma democracia, aos moldes norte-americanos e a implantação de ideias liberais. As principais diretivas foram:

[...] Os direitos civis e as liberdades deveriam ser garantidos: se necessário fosse, através de uma nova constituição. Todos os adultos, incluindo as mulheres, teriam direito de voto. As forças armadas e a polícia ao velho estilo deveriam ser abolidas e as *Zaibatsu*<sup>15</sup> desmanteladas. Todos os que pertencessem às forças armadas, ao governo e às empresas que tinham contribuído para o esforço de guerra deveriam ser afastados de qualquer cargo de responsabilidade. Seriam encorajados os sindicatos e os direitos sindicalistas. (HENSHALL, 2014, p. 199)

---

<sup>14</sup> Tecnicamente a ocupação do Japão foi uma iniciativa multilateral sob a supervisão da Comissão do Extremo Oriente, com representantes da Austrália, Grã-Bretanha, Canadá, China, França, Filipinas e Holanda, mas na prática foi coordenada pelos norte-americanos. As Forças Aliadas eram compostas pelos EUA, Grã-Bretanha, China e Rússia.

<sup>15</sup> Zaibatsu: Conglomerados industriais e financeiros, tais como as corporações Mitsubishi ou Sumitomo, que controlavam grande parte da economia japonesa entre o final do período Meiji e 1945 (Walker, 2021).

Em relação ao Imperador, reservaram um papel simbólico como chefe da nação: o Imperador Hirohito foi obrigado a negar publicamente sua divindade, e foi retirado por MacArthur o status de religião oficial do xintoísmo. Uma nova constituição realmente foi elaborada e promulgada em 1946 (porém, só entrou em vigor em 1947), tendo sido incluído um artigo específico de não beligerância com a proibição do Japão de constituir um exército, uma marinha ou qualquer outra força de guerra (Goto-Jones, 2019). A inserção do conceito sindical, assim como o direito ao voto de toda a população que consta na citação inserida anteriormente são conceitos que alteraram profundamente a sociedade japonesa em seus costumes e tradições, trazendo as ideias liberais para o Japão. E justamente com o Liberalismo, com as liberdades e direitos individuais que se contrapõe ao absolutismo vivenciado nas décadas antes da ocupação e no período do xogunato, abre-se o caminho para a implantação do capitalismo e o surgimento de uma sociedade aberta (Lima Junior & Valle, 2020).

O fim da ocupação do Japão ocorreu em abril de 1952, após a assinatura de um Tratado de Paz assinado por 48 nações em São Francisco. Porém, cabe ressaltar duas questões: os EUA tiveram o direito de manter bases militares no território japonês, o que desagradou parte da população em relação à sua verdadeira soberania, e, algumas horas após a desocupação, “Japão e Estados Unidos assinaram um tratado de segurança que continua em vigor até hoje” (Goto-Jones, 2019).

De acordo com Goto-Jones (2019, p. 124), “Os anos 1950 e 1960 foram décadas de grande agitação política e cultural, apesar do bem estar proporcionado pelo milagre econômico”.

Além das mudanças econômicas, é importante verificar as alterações na vida social e cultural dos japoneses nestas décadas após a desocupação, as quais repercutiriam no futuro. Surgiu uma nova classe média, que habitava subúrbios organizados em torno das cidades, e que contavam com estradas asfaltadas e uma extensa malha ferroviária facilitando os deslocamentos diários. Desenvolveu-se uma alta qualidade no ensino, com distribuição homogênea das escolas de ensino fundamental e médio por todo o território japonês, o que levou ao aumento de severidade para ingresso no ensino superior, o qual não atendia mais somente às famílias mais abastadas, mas tinha suas vagas distribuídas por toda a população, dentro de um processo de meritocracia, o que levou a uma maior dedicação por

parte dos interessados. Porém, este processo também apresentou seu lado perverso: mostrou os privilégios dos que podiam arcar com estudos suplementares para conseguirem o acesso às universidades, e, elevou a taxa de suicídios dos estudantes que não conseguiam o acesso. Na questão dos direitos civis igualitários, apesar de legalmente as mulheres terem conquistado os mesmos direitos que os homens, na prática continuaram a ocupar posições inferiores na sociedade.

É importante destacar o poder de resiliência da nação japonesa e a força de superação. Sobre o Japão pós-guerra Gravett (2006, p. 14) coloca que:

Depois da Segunda Guerra Mundial, o Japão foi doutrinado nas regras do capitalismo americano de forma tão eficiente que em muitos aspectos os conquistados superaram o conquistador. Mais uma vez a mentalidade insular dos japoneses provou ser capaz de absorver um conceito estrangeiro, adaptá-lo, desenvolvê-lo, e então exportá-lo de volta para o mundo.

A volta do processo de ocidentalização do Japão após a 2ª Grande Guerra, que havia sido interrompido pelo imperialismo e militarismo que sucedeu à Revolução Meiji, foi realizada de maneira forçada, imposta pelas forças de ocupação, o que pode explicar a rejeição de parte da população aos novos costumes e cultura, que podem ser vislumbrados na década de 1990, assunto do próximo subitem.

Neste breve relato sobre o Japão pós-guerra surgem algumas indagações, como por exemplo, do por que a história japonesa e da Ásia em geral, dada sua relevância econômica atual, sua superação após uma intervenção em seu território, não ser contemplada nos currículos escolares nacionais, ainda mais diante da importância da forte migração japonesa para o Brasil.

Após discorrer sobre os dois períodos que o Japão passou por processos chamados de ocidentalização, entendido aqui como a alteração da cultura tradicional japonesa pela cultura americana e europeia, pelo menos em parte, pois muitos hábitos da vida cotidiana, muitas tradições ainda foram mantidos, considera-se ser necessário a colocação de algumas ponderações a respeito.

Goto-Jones (2019) em seu livro “Japão Moderno: uma leve introdução”, logo no item dedicado à introdução, questiona sobre o que representaria a modernização do Japão atual, pois neste país o moderno do presente convive com as tradições do passado sem confrontação entre elas, tornando-o um país enigmático. A

modernidade no Japão é entendida, pelas nações ocidentais, em sua avançada tecnologia de projetar e construir trens balas, produzir e exportar vários artefatos eletrônicos, e possuir cidades iluminadas por luz neon entre outras coisas, e essa modernidade é considerada como característica ocidental. Porém, a manutenção de suas tradições culturais orientais o faz ser considerado como um país moderno “não ocidental”.

Goto-Jones faz uma importante ponderação sobre a reação de uma nação frente às influências estrangeiras em seu território, citada a seguir:

A experiência japonesa nos proporciona um filtro fascinante para observar a infinidade de maneiras como as nações reagem aos complexos problemas culturais, intelectuais, sociais, políticos e científicos advindos da súbita (e indesejada) chegada de agentes estrangeiros - nesse caso específico, os navios de guerra norte-americanos (2019, p. 13).

Essas reações são analisadas na leitura e sistematizadas dos mangás em pauta, ao verificar na história contada os aspectos que são mantidos pelos personagens, os que são alterados e os que somente são contestados, procurando-se apreender a dinâmica do processo de ocidentalização no período e o que significou para a população.

### 3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA DÉCADA DE 1990

A década de 1990 para o Japão representa uma época de grave crise política e econômica. A recuperação econômica alcançada após sua derrota na 2ª Grande Guerra foi surpreendente, e vivenciou um milagre econômico entre os anos de 1953 e 1973, quando o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu a taxas anuais próximas a 10%, ultrapassando as economias mundiais reconhecidas. A partir de 1992 a economia praticamente se estagnou, atingindo mais fortemente o setor industrial (Torres Filho, 1997).

Esta década teve início com a mudança do poder imperial, pois o Imperador Showa faleceu em 1989, tendo sido sucedido pelo Imperador Akihito, e, encontrou a sociedade japonesa com dúvidas sobre “o lugar que ocupava no mundo” (Goto-

Jones, 2019, p. 142), com avidez de consumo sobre as teorias e reflexões sobre a identidade nacional japonesa, através das publicações dos *Nihonjinron*, teorias da japonicidade. De acordo com Sasaki (2011, p. 11)

Este gênero literário e acadêmico discorre sobre valores japoneses como exclusividade, homogeneidade, conformidade, dependência mútua, orientação grupal e harmonia, postos em contraposição aos valores ocidentais. Ao fazer isso, enfatiza demasiadamente a diferença entre o Japão e o Ocidente, sem se referir aos países asiáticos vizinhos, além de simplesmente não mencionar as diferenças internas e transformações históricas.

Cabe ressaltar que a literatura dos *Nihonjinron* surgiu na década de 1930, período de expansão imperialista japonesa, onde a elite e intelectuais japonesas estavam desiludidas com o Ocidente e em busca de uma japonicidade distinta (Sasaki, 2011). Portanto, na década de 1990, o que se assiste é a um retorno ou retomada de interesse pela essência japonesa.

Outro aspecto que deve ser analisado é o comportamento e ideais diferenciados da geração de 1980 e 1990. Esta, demonstrava orgulho da riqueza do Japão, mas não valorizavam seu alto padrão de vida: não queriam mais dedicar a vida ao crescimento da economia japonesa de maneira altruísta e passiva como realizado pelas gerações anteriores. Queixavam-se dos longos expedientes de trabalho e da falta de tempo para desfrutar da prosperidade que possuíam. Foi nesta época que a morte por excesso de trabalho começou a se tornar um fato comum, levando à criação de serviços de assistência psicológica com a finalidade de impedir colapsos nervosos ou suicídios. Em contraponto a geração mais velha reclamava da falta de comprometimento e disciplina, características identitárias do país pós-guerra, desta nova geração. Surgiram subculturas onde imperava a ênfase no lazer, na liberdade de exercer trabalhos para diversos empregadores sem a manutenção de vínculos para manter a liberdade, o aumento do consumismo, e a obsessão por determinados temas de atividades consideradas antissociais. Aqui também a geração mais velha se manifestou considerando essas subculturas como um colapso moral e cultural.

De acordo com Goto-Jones (2019) a sensação de falta de perspectiva pela sociedade japonesa foi uma das características do que foi chamado de “década perdida”, de 1990. Teve início com a morte do imperador Showa em 1989 (já referido anteriormente), seguido do estouro de uma bolha econômica devido a uma



economia artificialmente inflada e a quebra do mercado de ações. Com isso, a autoestima dos japoneses foi abalada e a sociedade perdeu a confiança no sistema e nos políticos. Contribuíram também para essa sensação de descrença no sistema a reação do governo a duas crises: o terremoto em Kobe no ano de 1995 que matou 6 mil pessoas, e, um ataque de gás no metrô de Tóquio.

Paralelo às questões internas, sociais e culturais, é importante destacar a posição do Japão no cenário internacional na década de 1990. Mesmo o Japão já sendo uma nação rica e poderosa, ainda eram mantidas em seu território bases militares norte-americanas, e posicionava-se à sombra dos Estados Unidos nas relações internacionais. Desde o final da Segunda Grande Guerra, o Japão orientou sua política externa com atitudes discretas e cordatas, não se envolvendo em questões de ação militar. Segundo Goto-Jones (2019, ps. 152-153) foi levantado um questionamento dentro do próprio Japão sobre estes posicionamentos e a identidade internacional japonesa: “o país era mesmo uma sociedade pacifista que decidiu por escolha própria se desviar das soluções militaristas para resolver conflitos internacionais ou essa postura era apenas um efeito colateral das circunstâncias proporcionadas pela ocupação norte-americana e pelo Tratado de Segurança Estados Unidos-Japão?”<sup>16</sup>. Questão ainda não resolvida no presente.

É nessa década de crise de identidade da sociedade japonesa, sobre seus valores culturais e faltas de perspectivas dos jovens, crise econômica e posicionamento secundário pacifista internacional que são elaborados e divulgados os mangás em análise.

---

<sup>16</sup> Ao Japão só é permitido manter as Forças de Autodefesa, devido ao Tratado.

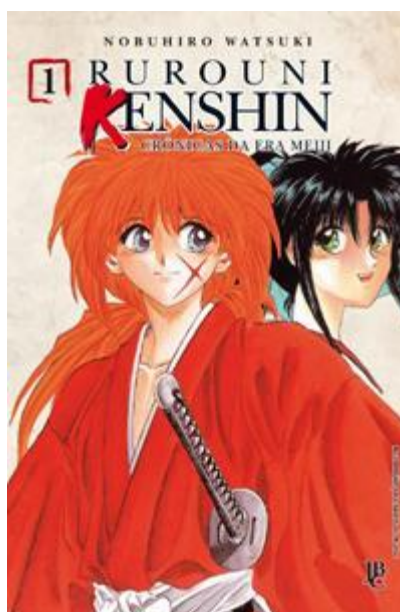
#### 4 MANGÁ RUROUNI KENSHIN: OBJETO DE ANÁLISE

A obra de Nobuhiro Watsuki, cujo título japonês original é Rurouni Kenshin Meiji Kenkaku Romantan, foi importada para o Brasil como “Kenshin, o Andarilho: Crônicas de um Espadachim da Era Meiji”. No entanto, a obra ficou mais conhecida pelos brasileiros como Samurai X, como dizia-se na chamada da televisão, nos canais Globo, entre 1999 e 2000, e Cartoon Network, entre 2001 e 2002. No total são 28 volumes (2ª edição), onde cada volume é dividido em dois capítulos.

Publicados no Japão entre os anos de 1994 a 1999, só chegaram ao Brasil em 2001 através da editora JBC, e perduraram até 2003. Foram republicados a partir de 2012, com apenas duas alterações: ao contrário das primeiras publicações no Brasil, que reduziram o conteúdo dentro dos volumes pela metade, dobrando o número de volumes para 56, as publicações de 2012 mantiveram o tamanho do original japonês, com 28 volumes; outra modificação foi no título, agora Rurouni Kenshin: crônicas da Era Meiji.

A seguir pode ser visualizada a capa do primeiro volume, figura 4.1, da publicação de 2012, lançado no Brasil, onde é possível verificar algumas das características apontadas no item 2.1.

Figura 4.1 – Capa do primeiro volume da coleção



Fonte: Editora JBS, 2022.

A história em seu primeiro capítulo tem início no ano de 1879, 11 anos depois da Restauração Meiji. Para um melhor entendimento, é necessário realizar inicialmente uma breve contextualização histórica que precede e situa esta data, objeto do item 4.1.

#### 4.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O período que antecedeu a Era Meiji, época onde discorre a história de Rurouni Kenshin, corresponde ao período Tokugawa, de 1603 a 1868. Foi caracterizado por ser um *xogunato*<sup>17</sup>, onde o poder era exercido por chefes militares, chamados de *xoguns*<sup>18</sup>. Apesar da família imperial continuar existindo, não tinha poderes de ofício e era controlada pelo *xogun*, possuindo apenas uma imagem de líder simbólico. Neste período se procurou manter o Japão em uma situação de ortodoxia controlada, mantendo-o isolado do resto do mundo. Entre as ações executadas para tanto se destaca a expulsão dos estrangeiros e a abolição do cristianismo. Foi um período caracterizado por separação hierárquica das classes sociais, restrições de viagens e transportes, recolhimento obrigatório, imposição da responsabilidade coletiva sobre o interesse individual, vigilâncias e regulamentos que abarcavam inclusive a vida cotidiana dos cidadãos, fechamento dos portos para as outras nações. Porém, com o passar das décadas, o desenvolvimento socioeconômico, com o surgimento de uma classe mercantil, simultaneamente ao enfraquecimento dos samurais, os quais deixaram de cumprir seu papel inicial de defensores das terras, transformando-se em simples burocratas, causaram mudanças na ordem social. Acrescenta-se a essas mudanças o alargamento da educação, que, influenciada pelo confucionismo, promoveu o pensamento crítico. Ao início do século XIX assiste-se ao surgimento de uma insatisfação pública com o *xogunato*, que era repleto de corrupção e incompetência. A essa insatisfação soma-se o efeito do retorno dos estrangeiros devido às relações comerciais e pressão para a abertura dos portos. Em 1868 através de um golpe orquestrado e desenvolvido por samurais, o *xogunato* é derrubado e o poder do imperador Meiji, de apenas 15 anos, restaurado, tendo assim início a Era Meiji (KENSHELL, 2014).

---

<sup>17</sup> Xogunato: Sistema de governo oriundo do Japão agrário que tem como seu líder máximo o xogun.

<sup>18</sup> Xogun: líderes militares e políticos do Japão. Título concedido pelo Imperador.

A guerra que se desenvolveu até o golpe para acabar com o sistema existente foi nomeada de *Bakumatsu*. Esta é uma referência importante para o presente trabalho, pois o personagem principal é retratado como um dos samurais, um dos espadachins que viveu esta guerra e transformou-se após o retorno do imperador ao poder.

Com a Restauração Meiji houve várias alterações nas estruturas social e cultural e a classe dos samurais deixou de existir: oficialmente foi lhes permitido exercer qualquer outro tipo de função. Enquanto alguns se juntaram à classe política ou se adaptaram a novos serviços, alguns não aceitaram suas novas condições.

A Era Meiji foi marcada pelo processo de ocidentalização do Japão, conforme discorrido no capítulo 3, e é justamente neste período e condições que se desenvolvem as histórias de Kenshin.

#### 4.2 RUROUNI KENSHIN E O ENREDO DESENVOLVIDO NOS MANGÁS

Apresenta-se aqui uma síntese do enredo desenvolvido nos mangás definidos, de modo a permitir uma visualização geral da história contada.

Rurouni Kenshin é o título da obra e o nome do protagonista. Na escrita japonesa, os sobrenomes antecedem o prenome. Kenshin foi o prenome que seus pais adotivos o nomearam, e Rurouni pode ser traduzido como andarilho. De acordo com Furuyama (2008) a tradução original do título foi “Kenshin, o andarilho”, porém, considera que para ficar mais de acordo com o apresentado, deveria ser “Kenshin, o samurai errante”.

Os mangás desenvolvem a história de Kenshin que na época do *Bakumatsu* foi um samurai que lutou contra o xogunato e a favor da restauração do poder do imperador. Nesta época era considerado como um retalhador ou *battousai*, que significa mestre da espada, e, ficou conhecido como Battousai, o Retalhador. Com a Restauração Meiji, Kenshin proibiu-se de matar pessoas novamente, abandona as batalhas e torna-se um andarilho como expiação pelos seus feitos, porém, carrega consigo sua espada de lâmina invertida (fio voltado para o usuário e não para o inimigo), uma *Sakabatou*. Após dez anos de peregrinação pelo Japão, chega ao Dojô<sup>19</sup> Kamiya onde encontra abrigo. No desenrolar da história, enfrenta vários

---

<sup>19</sup> Dojôs: Local destinado ao treino de artes marciais japonesas.

inimigos que surgem para desafiar o antigo e lendário retalhador. Sempre tenta defender seus amigos e os fracos, tentando defender todos da morte, inclusive seus inimigos.

### 4.3 INFORMAÇÕES HISTÓRICAS SISTEMATIZADAS

A leitura e análise dos contos que compõem os 28 volumes da obra apontam para várias questões sociais e culturais que caracterizam a sociedade nipônica na Era Meiji, algumas mais evidentes e outras sem destaque mas inseridas como fundo de espaços e situações. Destaca-se que alguns personagens foram criados a partir de pessoas reais da época onde a narrativa está localizada no tempo.

Além de comentários sobre os personagens, são dadas informações a respeito de elementos diversos, como grupos, eventos, arquitetura, culinária, entre outros. Portanto, existe embasamento documental sobre as referências descritas a seguir.

#### 4.3.1 Personagens e Grupos Históricos

A identificação de referências históricas de alguns dos personagens é encontrada ao longo das edições, entre alguns capítulos, através de notas do autor, onde ele esclarece sobre a idealização do personagem e que figura histórica serviu de inspiração.

##### 4.3.1.1 *Kenshin Himura*

Personagem principal que dá o nome à obra foi inspirado nos samurais que atuaram nas guerras para a Restauração Meiji, conforme já relatado anteriormente. Mais especificamente, Watsuki se inspirou na história de Kawakami Gensai, um dos maiores retalhadores que viveu durante o Bakumatsu. No entanto, ao contrário de Gensai, que foi executado no início da era Meiji, Kenshin peregrina pelo Japão após o fim das lutas da Restauração, até tomar residência no Dojo Kamiya, em Tóquio, no ano 11 da nova Era. A figura 4.2 inserida na sequência traz uma imagem do personagem e uma foto de Kawakami Gensai.

Figura 4.2 - Kenshin e Kawasaki Gensai



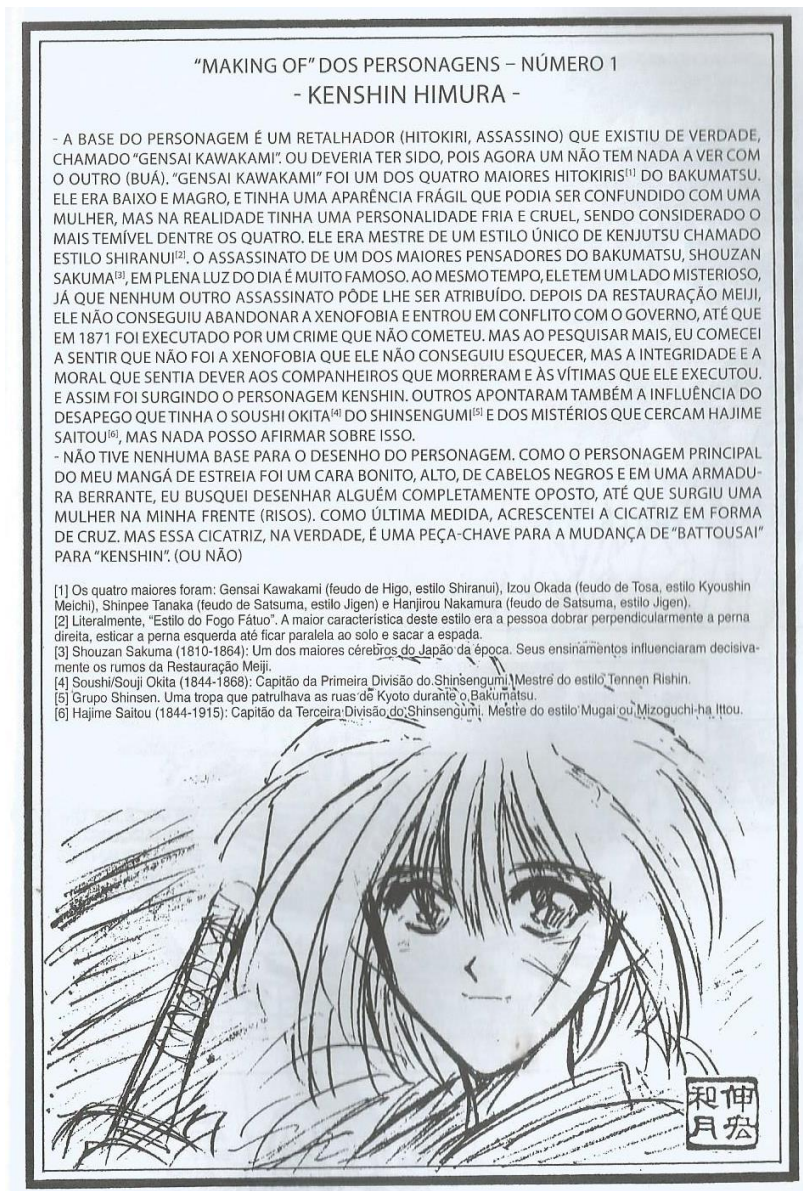
Fonte: Kawasami, 2017.

Durante os anos da Restauração Meiji, Kenshin atuou como um Retalhador ao lado dos patriotas, ou monarquistas, em Kyoto, que procuravam acabar com a Era Tokugawa e devolver o poder ao Imperador do Japão. Como muitos de seus companheiros, Kenshin buscava trazer mudanças ao Japão e torná-lo um país melhor para a população.

Com a resolução dos conflitos da Restauração, muitos dos principais líderes dos movimentos anti-Tokugawa adquiriram importantes cargos no novo governo. No entanto, como forma de expiar pelas inúmeras mortes que cometeu, Kenshin faz um juramento de nunca mais matar e torna-se um andarilho, vagando pelo Japão e ajudando as pessoas que estavam à sua volta, enquanto carregava uma Sakabato, uma espada com lâmina ao contrário.

A figura 4.3 a seguir é uma página retirada do primeiro volume de Rurouni Kenshin, que traz informações sobre a idealização do personagem Kenshin. Ao longo da obra, são encontradas muitas páginas semelhantes, que contam um pouco do desenvolvimento dos personagens.

Figura 4.3 - Texto explicativo sobre a criação do personagem Kenshin Himura



Fonte: WATSUKI, volume 1, s.p.<sup>20</sup>, 2012.

Considera-se que estes textos explicativos colaboram muito para que o leitor entenda a intenção do autor ao criar determinado personagem, e também se situar melhor no tempo e no espaço, podendo realizar associações.

#### 4.3.1.2 Sanosuke Sagara e o Sekihoutai

Um dos principais personagens da obra de Watsuki é Sanosuke Sagara. No mangá, é um jovem lutador de aluguel, que procura brigas por diversão, mas ao perder um duelo para Kenshin, muda de vida e passa a integrar o dojo Kamiya.

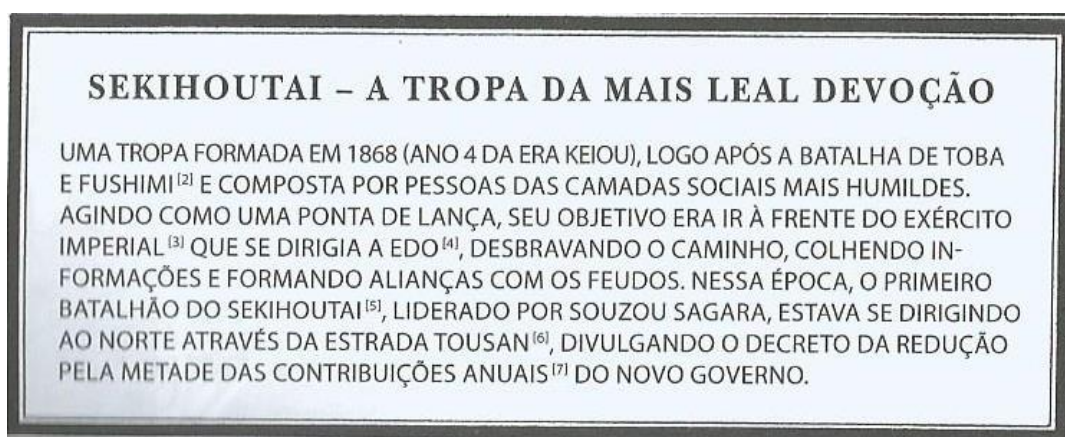
<sup>20</sup> O volume 1 da 2ª edição não apresenta numeração nas páginas.



Porém, quando criança, Sanosuke era membro do Sekihoutai, um grupo que fazia parte do exército imperial.

O Sekihoutai foi uma tropa imperial composta não por samurais, mas por membros de camadas sociais mais humildes, como agricultores. Divulgavam para a população que o novo governo iria reduzir os impostos em 50%, mas como o governo percebeu que seria impossível fazer valer essa promessa, alegou que o Sekihoutai era um falso exército imperial e condenou-os à execução. A figura 4.4 mostra o texto elaborado por Watsuki e inserido no volume 2 para relacionar sua história à tropa imperial Sekihoutai.

Figura 4.4 - Explicação inserida pelo autor sobre o que era SEKIHOUTAI



Fonte: WATSUKI, volume 2, p. 15, 2012.

O próprio autor da obra afirma que embelezou a história do capitão do Sekihoutai, Souzou Sagara, já que não era uma história tão conhecida. Dessa forma, ao mesmo tempo que o mangá apresenta grande veracidade histórica, também pode ser percebida a liberdade artística do autor. Inclusive, outra liberdade do mangaká está no próprio personagem, Sanosuke Sagara, que foi inspirado em Sanosuke Harada, um dos capitães do grupo Shinsen.

#### 4.3.1.3 *Shinsegumi e Hajime Saitou*

Se por um lado o Sekihoutai era uma tropa que lutava ao lado dos monarquistas para a chegada de uma nova era, o Shinsengumi, ou grupo Shinsen, era fiel ao xogunato. O grupo foi estabelecido durante a revolução Meiji para defender Kyoto em meio aos ataques dos imperialistas. O autor da obra não



esconde em nenhum momento o apreço que tem pelo grupo, que diz ter sido o maior e mais forte grupo de samurais da história do Japão. Expressa uma opinião que pode ser motivo de debates dos leitores que aprofunde se na história deste período. A figura 4.5 retrata o grupo Shinsengumi em imagem e informa características do mesmo.

Figura 4.5: Representação do grupo Shinsengumi



Fonte: WATSUKI, volume 7, p. 15, 2012.

É notável como os membros do grupo são importantes para a obra. Okita Souji, além de aparecer no passado de Kenshin, serviu de inspiração para outro

personagem, Seta Soujirou. Sanosuke Sagara foi idealizado a partir de Sanosuke Harada. Mas um personagem de grande importância para a obra é Hajime Saitou, capitão da terceira divisão do grupo Shinsen.

No mangá, após o fim do xogunato Hajime Saitou adotou um novo nome, Gorou Fujita, e conseguiu um cargo importante na polícia. Porém, nunca abandonou seus ideais samurais, e luta constantemente com o lema de eliminar o mal imediatamente, de acordo com o seu senso de justiça.

O grupo Shinsen esteve envolvido em um evento muito famoso na história do Japão, que foi o incidente de Ikedaya. Durante a Revolução Meiji, um grupo de monarquistas se reuniu na estalagem Ikedaya, em Kyoto, para arquitetar um plano para incendiar a capital do xogunato. No entanto, o encontro foi descoberto pelo grupo, que atacou o local e matou muitos patriotas. O episódio é devidamente referenciado no mangá, tanto em notas do autor como em diálogos entre os personagens.

#### *4.3.1.4 Udou Jin-e*

Conforme já abordado anteriormente, a produção de mídia ocidental gera influências nas produções nipônicas. O próprio Osamu Tezuka admirava as animações da Disney e trouxe características da mesma para o seu trabalho que, por sua vez, influenciou toda a indústria dos mangás. Em Rurouni Kenshin não é diferente.

O personagem Udou Jin-e foi inspirado nos maiores retalhadores do Bakumatsu, da mesma forma que Kenshin. No entanto, o design do ex-samurai é fortemente baseado em Gambit<sup>21</sup>, personagem fictício da Marvel Comics, do qual Watsuki, autor do mangá em pauta, é fã. As semelhanças podem ser verificadas na figura 4.6 inserida a seguir, pois mostra imagens dos dois personagens referidos lado a lado:

---

<sup>21</sup> Super-herói integrante do X-Men.

Figura 4.6 - Designs de Udou Jin-e e Gambit



Fonte: editado pelo autor, 2023

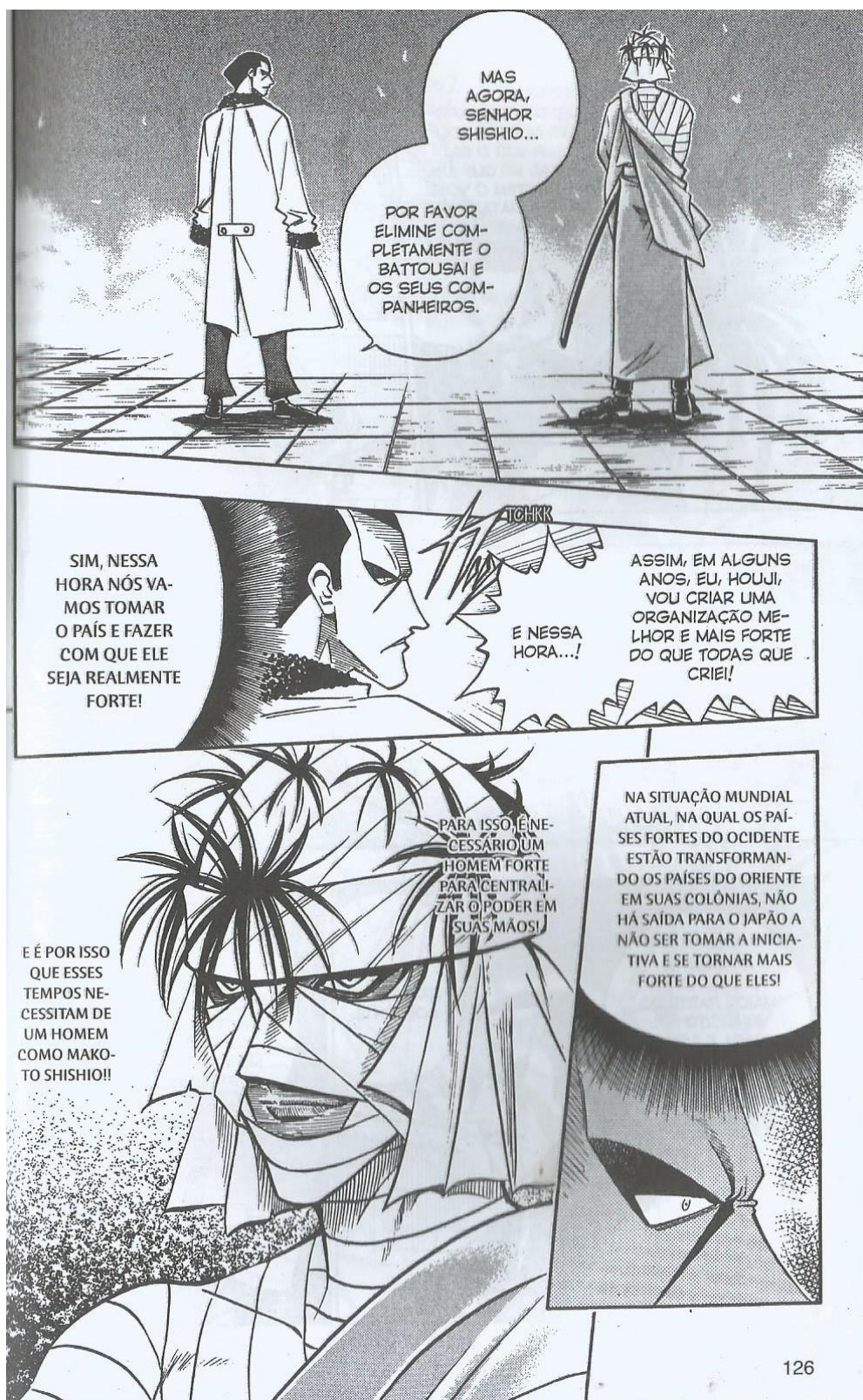
#### 4.3.1.5 Makoto Shishio

Makoto Shishio é o principal antagonista da obra de Rurouni Kenshin. Na época do Bakumatsu executou muitos assassinatos em nome de políticos importantes ligados ao lado dos monarquistas. Durante suas missões adquiriu um grande conhecimento sobre os principais nomes do que seria o novo Governo Meiji e, por isso mesmo, teve sua execução determinada.

Tendo sobrevivido à sua execução, Shishio inicia uma organização para tomar o controle do Japão. Essa organização inclui não apenas poderosos espadachins, mas também intelectuais, como seu braço direito Sadojima Houji. A figura 4.7 traz um diálogo entre os dois em que Houji deixa claro o pensamento de Shishio: é necessário um comandante forte para que o Japão não se torne uma colônia das potências ocidentais.



Figura 4.7 - Repúdio às potências ocidentais por Shishio



Fonte: WATSUKI, volume 16, p. 126, 2012.

Durante a obra, Makoto Shishio afirma, por diversas vezes, acreditar na sobrevivência do mais forte. Esse é um pensamento que encontra consonância com a época, uma vez que “para um grande número de intelectuais e políticos da época, a lógica do sistema internacional era regida pela ideia de que ‘o mais forte devora o mais fraco’” (Goto-Jones, 2019, pp.65). Apenas com um Estado centralizado nas mãos de um líder poderoso, poderia o Japão fazer frente aos países ocidentais. Para tanto, Shishio busca manter tradições japonesas vivas enquanto adota tecnologias ocidentais. Essa tendência é visível quando o antagonista tem como um de seus principais trunfos uma fragata de ferro, e também quando declara que as pesquisas ocidentais sobre o petróleo serão importantes para a expansão mundial do Japão.

#### 4.3.1.6 Anji e a “erradicação do budismo”

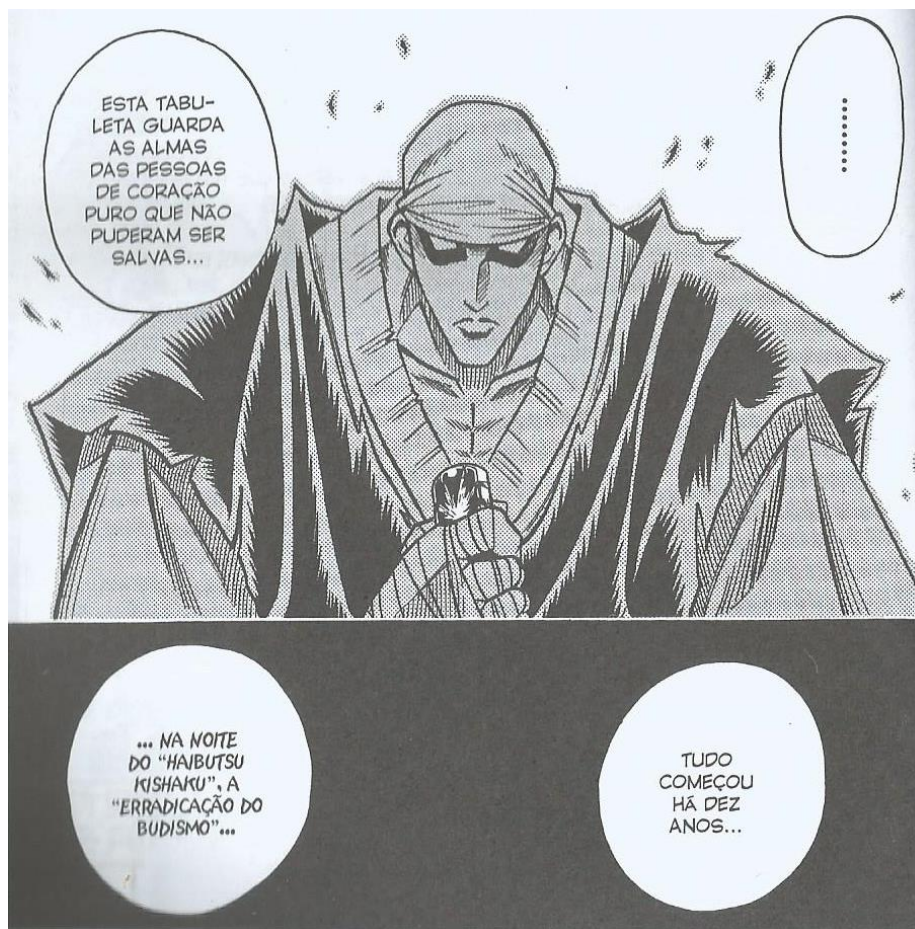
Outro episódio importante do Japão é referenciado na obra de Watsuki: a erradicação do budismo, ou o “Haibutsu Kishaku”. Como uma forma de legitimar o novo governo e a autoridade do imperador, foi dito que o mesmo era o único descendente dos deuses. Para tal, o novo governo Meiji precisou unificar a religião e retirou o budismo da política, o que resultou em violentos ataques contra a religião e seus praticantes. No mangá Rurouni Kenshin, o monge Anji é um personagem que busca a salvação para todas as pessoas inocentes, porém desvia de seu caminho com as mortes das crianças que viviam em seus templos, em razão dessa perseguição violenta contra os praticantes do budismo, e começa uma jornada para destruir o governo Meiji.

Este personagem é muito importante para entender o alcance das mudanças levadas avante durante a instalação da Restauração Meiji, que atingiu até mesmo as crenças religiosas.

A figura 4.8 mostra falas do monge Anji sobre a morte das pessoas que ainda seguiam o budismo apesar desta crença ter sido proibida, e, portanto, eram perseguidas e mortas.



Figura 4.8 - Monge Anji e a erradicação do budismo



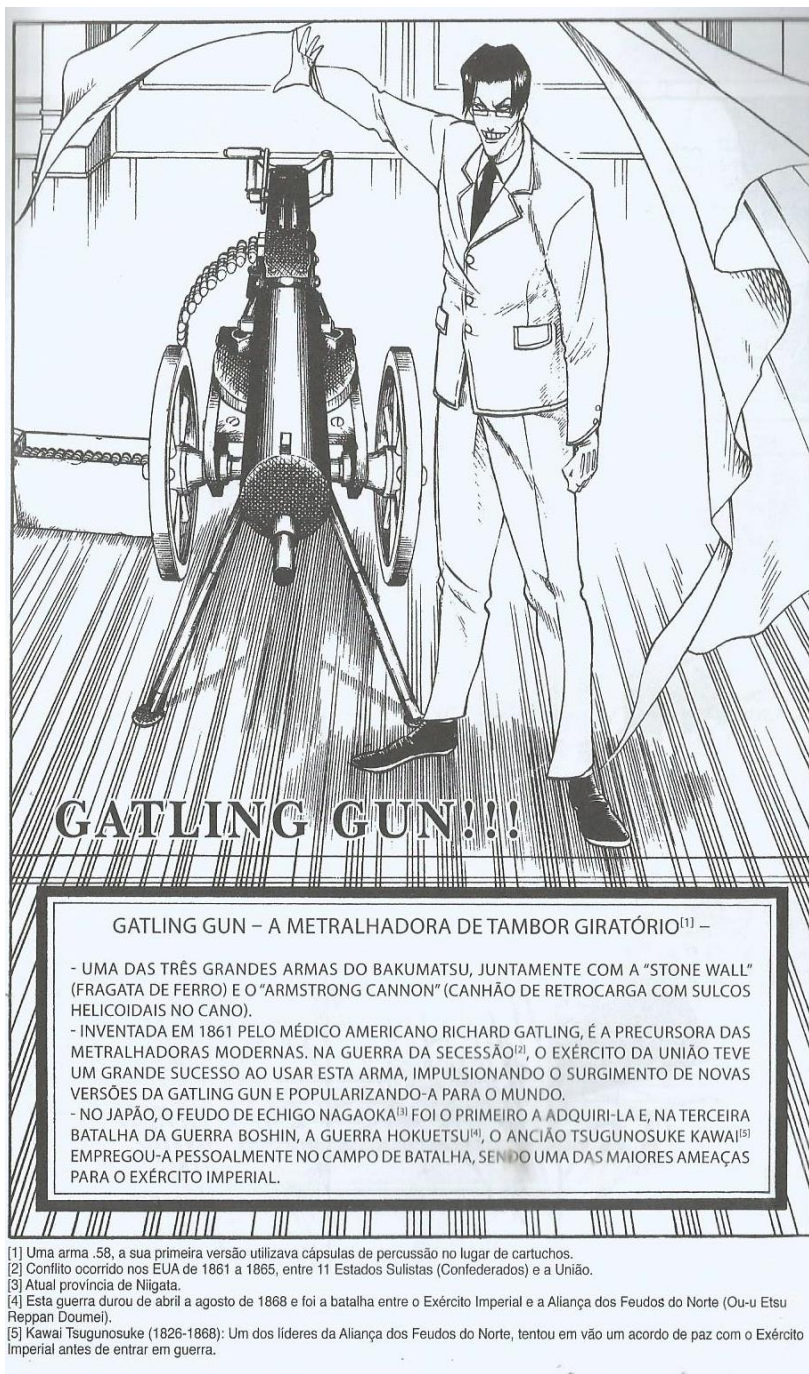
Fonte: WATSUKI, volume 13, p. 143, 2012.

#### 4.3.2 Tecnologia

O intercâmbio de algumas áreas do Japão com as nações ocidentais, até mesmo antes do fim do xogunato Tokugawa, propiciou um avanço em algumas áreas tecnológicas. Uma notável evidência da influência ocidental no Japão foi o aparecimento, ainda no Bakumatsu, das metralhadoras, as quais foram utilizadas pelos monarquistas para avançar sobre Kyoto. O Shinsengumi, abordado anteriormente, teve seu fim nas mãos dos imperialistas precisamente em razão do poder de fogo adquirido com os ocidentais, que provaram fortes demais mesmo para o maior grupo de espadachins do Japão. No mangá, o personagem Takeda Kanryuu é um vilão que trafica ópio em Tóquio, mas seu real objetivo é se tornar um mercador da morte, trazendo armas em quantidade para o Japão. A figura 4.9 apresenta o referido personagem ao lado de uma metralhadora de tambor giratório.

Nesta figura também é possível observar as notas de rodapé inseridas pelo autor dos mangás com explicações sobre fatos, locais e pessoas.

Figura 4.9 - Metralhadora de Tambor Giratório



Fonte: WATSUKI, volume 4, p. 118, 2012.

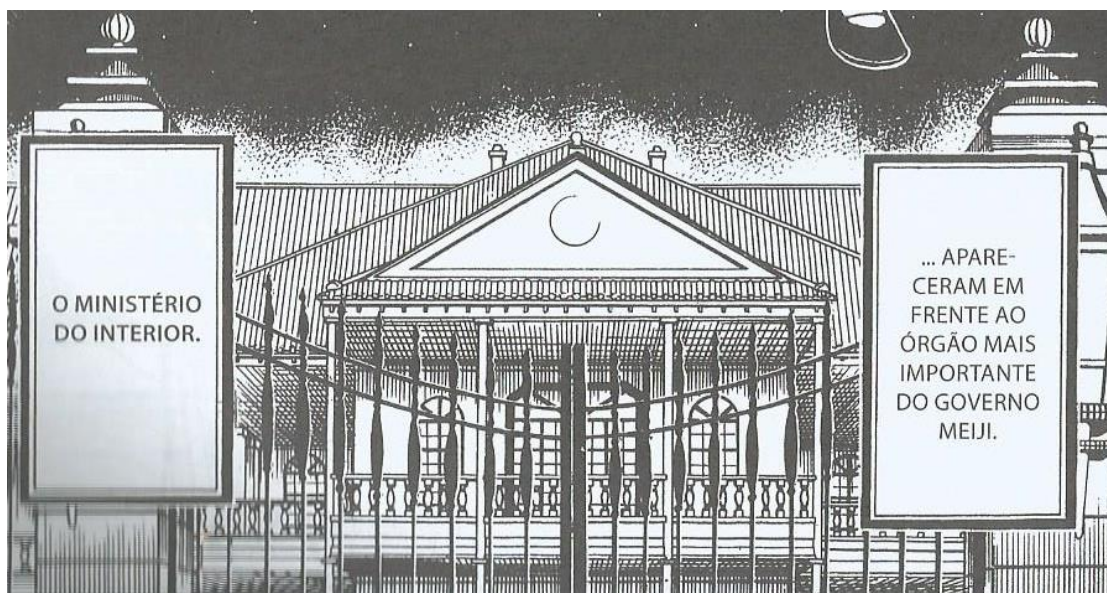


### 4.3.3 Arquitetura

Ao longo da leitura dos mangás é possível visualizar como pano de fundo algumas características dos espaços utilizados pela população nipônica, alguns tradicionais como os dojôs, espaço físico onde são desenvolvidos os treinos de arte marcial japonesa, local característico no Japão na época pesquisada. Pode-se verificar as construções e pisos de madeira, a presença de portas deslizantes, muitas quadriculadas com papéis translúcidos, dos tatamis cobrindo parte dos assoalhos não podendo ser pisados com sapatos, e os portais em acessos determinados. Outra característica das construções era a altura das mesmas, limitadas a dois pavimentos, justamente por causa da técnica construtiva utilizada.

A partir da ocidentalização outros tipos de edificações começam a ser erguidas, com tecnologia diversa da tradicional, com a utilização de tijolos, como é o caso do Ministério do Interior mostrado na figura 4.10, onde pode ser observado um estilo eclético, pois traz elementos inspirados nos estilos ingleses e franceses, além do frontão greco-romano.

Figura 4.10: Fachada do Ministério do Interior: construção em alvenaria



Fonte: WATSUKI, volume 6, p. 147, 2012.

Os principais edifícios governamentais, além das mansões das famílias mais abastadas financeiramente, passam a apresentar as características europeias de construção. A madeira, material utilizado tradicionalmente nas construções



japonesas, dá lugar aos tijolos, e as portas corrediças são removidas. Muros e portões também marcam presença para segurança.

#### 4.3.4 Vestimenta

A forma com que os japoneses se vestiam também sofreu influências ocidentais, como a introdução do uso de ternos para os homens e a utilização de chapéus. A roupa tradicional, independente do gênero, para a população em geral, eram os kimonos.

Figura 4.11 - Variedade de vestimentas no início da Era Meiji

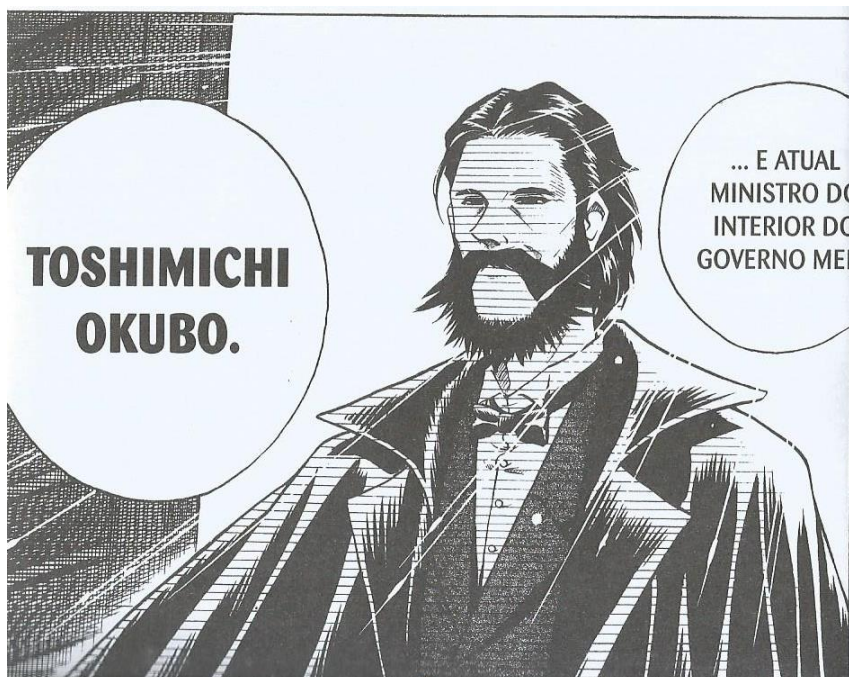


Fonte: WATSUKI, volume 1, s.p.2012

A figura acima é perfeita para notar o contraste entre o estilo ocidental e oriental. Apesar de algumas pessoas estarem usando chapéus, assim como Kenshin elas trajam roupas tradicionais japonesas, enquanto que os policiais vestem trajes claramente ocidentais. Isso acontecia pois as elites, os políticos e os membros do governo e polícia, foram os primeiros que demonstraram essa transformação, como no caso da arquitetura. Já na figura 4.12, pode-se observar a caracterização de

Toshimichi Okubo, um dos principais nomes do Governo Meiji, com roupas claramente ocidentais.

Figura 4.12 - Personagem com vestimentas ocidentais



Fonte: WATSUKI, volume 7, p. 145, 2012

#### 4.3.5 Gastronomia

Em várias cenas nos mangás, quando os personagens estão presentes em locais de comida, é realizada a referência à alimentação das comidas típicas, e, em alguns casos, o autor dos mangás inseriu explicações a respeito. Algumas comidas tradicionais sofreram alteração em suas formulações, devido à influência ocidental. Além do aumento do consumo de carne, principalmente bovina, que foi introduzido em vários pratos, introduziu-se o consumo de leite, pão, sorvete, chocolates e afins.

A figura 4.13 inserida a seguir mostra um trecho do fascículo 5, capítulo 1 onde são realizadas referências às influências da culinária ocidental, inclusive citando o nome antigo, Gyuunabe - caldo à base de vegetais, e atualizado do prato Sukiaki, cozido de carne com vegetais.

Fig. 4.13 - Referência à influência da culinária ocidental



Fonte: WATSUKI, volume 1, s.p., 2012

O capítulo 4 ora apresentado trouxe alguns aspectos da identidade cultural tradicional japonesa, da influência da ocidentalização, referências a personagens históricos e outros apontamentos. Não abarcou todas as possibilidades e dinâmicas, visto a proposta ser uma avaliação mais genérica e não específica sobre pontos específicos. Alguns aspectos demandariam maior pesquisa pontual e profundidade, como, por exemplo, a posição da mulher na sociedade japonesa tradicional, que é mostrado também nos mangás: acredita-se que este tema seria um recorte para estudo próprio. Colocada esta observação, entende-se que os aspectos sistematizados e apresentados cobrem o objetivo proposto. Mostram a evidente influência dos costumes ocidentais na cultura tradicional japonesa e as mudanças realizadas em vários âmbitos.

## 5 MANGÁ RUROUNI KENSHIN COMO OBJETO DE ENSINO

O presente capítulo analisa mais profundamente a utilização do mangá em pauta no ensino da história japonesa como um objeto de ensino.

### 5.1 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

No início do presente trabalho, foi afirmado que as pessoas estão constantemente recebendo novas informações, as quais possuem o potencial para modificarem seus pensamentos, ideais e formas de agir. Somos capazes de aprender com quem convivemos, da mesma forma que estamos alterando a realidade a partir de nossas próprias ações. Tanto as experiências vividas no cotidiano social, que emolduram as crenças e os valores, como as experiências escolares, ou tradicionais, são partes fundamentais do aprendizado histórico que orienta o processo de formação da consciência histórica, a qual possui uma relação com o tempo, articulando passado, presente e futuro.

Dessa forma, pode-se dizer que a consciência histórica é inerente ao ser humano, ao seu estar no mundo. Para Agnes Heller e Jörn Rüsen “a consciência histórica não é meta, mas uma das condições da existência do pensamento” (Cerri, 2001). Todo e qualquer indivíduo é possuidor de consciência histórica, que é diferente para cada um, uma vez que as pessoas possuem diferenças culturais umas das outras, e também interpretam o passado de formas variadas. Logo, pode-se dizer que consciência histórica é um conceito múltiplo.

As ações que um indivíduo realiza, ou deixa de realizar, estão relacionadas à memória e às experiências previamente vivenciadas. Procura-se atribuir significado a um fluxo temporal, interpretando o passado no tempo presente, visando o futuro. “A consciência histórica será algo que ocorre quando a informação inerte, progressivamente interiorizada, torna-se parte da ferramenta mental do sujeito e é utilizada, com alguma consistência, como orientação no cotidiano” (Schmidt et al, 2019). É importante apontar para a intencionalidade do sujeito. Procura-se, no passado, uma maneira de agir no presente, para alcançar certo objetivo. Apenas interpretando o mundo e seu tempo pode o homem agir sobre ele.

## 5.2 POTENCIALIDADES DO MANGÁ COMO OBJETO DE ENSINO

Não pode ser colocado em discussão o sentido de diversão na leitura das histórias em quadrinhos e dos mangás. Essa colocação encontra como primeiro embasamento a própria experiência do autor deste trabalho, pois a primeira atração pelos mangás foi pelo puro entretenimento, sem nenhuma preocupação em adquirir conhecimentos sobre a cultura japonesa. O conhecimento foi sendo adquirido ao longo das leituras de modo natural, sem pretensões críticas. Por outro lado, também de maneira não intencional, as leituras dos diversos mangás, em conjunto com os animes e videogames foram criando um interesse pela sociedade nipônica e seus costumes, chegando aos programas televisivos, particularmente de comédias, e às músicas. O objetivo de puro entretenimento também foi detectado por vários conhecidos deste autor durante a adolescência e início da juventude, sem perceber em ninguém o interesse pela parte histórica, cultural e arquitetônica.

Destaca-se aqui uma colocação de Gravett (2006, p.17), que não se refere diretamente ao entretenimento, mas faz alusão a uma particularidade do consumidor japonês:

Boa parte da vida de um japonês em casa, na escola e no trabalho é governada por rígidas noções de respeito e hierarquia. A atividade solitária de ler um mangá permite deixar para trás as formalidades do dia-a-dia e experimentar, ainda que de modo indireto, os reinos mais liberais da mente e dos sentidos.

De uma maneira geral, esse entretenimento sem compromisso leva à aquisição de novos conhecimentos culturais, mesmo que de maneira inconsciente. Como bem coloca Ciolin (2015, p.52): “Os animês e mangás são um dos maiores responsáveis pela disseminação da cultura japonesa mundo afora”. Segundo esta autora citada que realizou uma pesquisa para seu trabalho acadêmico sobre o assunto, a maioria das pessoas entrevistadas responderam que aprenderam muito sobre a cultura japonesa, como os costumes diários, ao comportamento entre amigos, familiares e superiores, em relação à vida escolar, trabalho, competitividade, responsabilidades, respeito, disciplina, tradições, superstições, mitologia, hábitos esportivos, história do Japão feudal, costumes dos samurais, e, também sobre culinária. Apesar de ter sido uma pesquisa de pequeno porte que contou com respostas de apenas 45 pessoas, pode-se através dela verificar que os mangás

podem ser considerados como um fator de transmissão cultural para os leitores/consumidores que não fazem parte da sociedade nipônica.

A colocação de Ciolin citada acima e sua pesquisa embasa a pretensão do trabalho ora apresentado, pois o público entrevistado reconheceu que adquiriu novos conhecimentos específicos a partir de uma leitura de entretenimento.

### 5.3 PONTOS CONSONANTES

Logo ao início do primeiro capítulo do primeiro fascículo publicado, a história que começa a ser narrada é devidamente localizada no tempo e no espaço: passagem de tempo incerta para o ano 10 da Era Meiji, de Kyoto para Tóquio. Este é o primeiro ponto importante a ser destacado, pois já possibilita ao leitor relacionar sua leitura, primeiramente com o mundo real que habita, isto em termos do local, e em segundo lugar a um tempo histórico do qual pode ter noção e conhecimento ou não.

A sistematização de determinados aspectos apresentados no capítulo 4 mostra que informações sobre fatos e personagens históricos, conhecidos, permeiam toda a coleção de mangá em análise, além de também contribuir com dados sobre os costumes e questões sociais da época, e de contextualizar o sistema político. Portanto, os mangás analisados adentram o universo sociocultural, fornecendo especificidades de uma sociedade em determinada época.

Ressalta-se que as diversas referências históricas não são simplesmente encontradas nos personagens fictícios, mas nos quadros em destaques e notas inseridas pelo autor, o que colabora para reconhecer e relacionar as informações já conhecidas, ou ampliar o conhecimento a respeito sob a luz da história. Essa preocupação do autor dos mangás em complementar e situar os diversos personagens colabora para a utilização de sua obra no ensino sobre a história do Japão.

A ficção se mistura com os dados históricos em vários âmbitos, podendo este ser ou não apreendidos conscientemente pelo leitor, conforme colocado anteriormente. Porém, diversos conhecimentos históricos sobre fatos, atores ou questões socioambientais e culturais podem adquirir relevância e serem racionalmente visualizados, entendidos e serem objetos de avaliação crítica a partir da intermediação do professor em atividades didáticas.



Conclui-se que todos os pontos abordados no capítulo 4 de sistematização possam ser devidamente empregados na dinâmica ensino-aprendizagem no ensino de história, a saber: atores e grupos históricos, tecnologia, gastronomia, arquitetura e vestimentas. A análise das informações que estes itens trazem podem levar a questionamentos que por sua vez podem colaborar na formação do pensamento crítico sobre o que representou a Era Meiji.

Importante questão a destacar sobre o todo analisado: a influência dos países do Ocidente no processo de modernização está contemplada nos mangás, permeando todos os capítulos. E por isso, torna-se relevante sua utilização para a discussão dessa temática em particular.

#### 5.4 POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Entende-se que existem várias possibilidades da inserção dos mangás Rurouni Kenshin no ensino da história da sociedade japonesa quando pretende-se discutir o período específico da Era Meiji e/ou aspectos do processo de ocidentalização do país após a 2ª Grande Guerra. Esse entendimento é baseado em todas as questões apresentadas a partir do capítulo 4.

Acredita-se que sejam duas as determinantes na utilização desses mangás:

- 1) A maneira de como será utilizado depende da metodologia a ser escolhida e praticada. Sem se aprofundar nas metodologias em si, pois dependerá da instituição e do professor, a leitura dos mangás poderá ser solicitada antes da aula programada para apresentações e debates sobre o período Meiji, antecipando assim a apreensão de conhecimentos prévios de maneira a otimizar discussões e opiniões próprias, ou os mangás poderão ser mostrados em recortes específicos em aula destacando o que se quer mostrar e evidenciar, ou leitura complementar no período pós aula para um aprofundamento e somatória para um futuro debate. Podem ser destacados somente um ponto para ser trabalhado, como relacionar os personagens a atores históricos, como também poderá ser solicitado que pesquisem sobre as vestimentas ou outro fator de interesse, que sirva para o professor como ponto de partida para o início de debates ou compartilhamento/complementação de outros conhecimentos. Os mangás podem ser utilizados de forma parcial ou

total dependendo do objetivo pré-traçado. Mesmo que utilizado parcialmente, pode suscitar o interesse dos alunos a respeito da história japonesa, ampliando seus olhares para outras possibilidades que uma simples leitura de diversão pode trazer.

- 2) Nível de ensino onde será aplicado: Ensino Fundamental, Médio ou Graduação. Os assuntos a serem abordados a partir da leitura e utilização desses mangás dependerá do nível de aprofundamento desejado para o objetivo da disciplina, que por sua vez estará atrelado à faixa etária e grade curricular.

Observa-se que há uma inter-relação entre a definição da metodologia a ser adotada com o nível de ensino onde será aplicada.

Uma questão importante que fica evidenciada no presente estudo é sobre o processo de ocidentalização de uma nação oriental asiática e suas consequências à sociedade da mesma. Esse assunto se sobressaiu ainda na fase de leituras e pesquisas bibliográficas sobre a Revolução Meiji e o período pós-guerra, e afetou a releitura dos mangás na fase de sistematização. Suscita vários questionamentos e ponderações. A leitura desses mangás pode ser utilizada como base para debates sobre influências externas de outra nação em um país, de forma desejada ou não, colaborando na construção do pensamento crítico. O exemplo do Japão, que manteve suas tradições culturais em várias dimensões mesmo com o avanço da ocidentalização e advento da modernidade, pode servir de comparação para outras situações vividas por países diversos, dependendo do objetivo a ser alcançado na disciplina de história.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como as histórias em quadrinhos já são utilizadas em salas de aula, os mangás também podem ser inseridos nas didáticas de várias maneiras, dependendo do objetivo a ser alcançado pelo docente.

A elaboração deste trabalho atingiu seu objetivo quando conseguiu demonstrar que, no caso específico dos mangás Rurouni Kenshin os personagens, os espaços que frequentam, suas ações, suas falas, assim como as informações complementares contidas no enredo não se caracterizam somente como uma fonte ingênua de entretenimento, mas trazem em seu bojo dados verídicos que foram confrontados com a história registrada e documentada do Japão. Observa-se um rigor histórico mesclado na ficção criada. Portanto, podem ser utilizadas como objeto de ensino-aprendizagem na didática da disciplina de História, mas não podem ser considerados como documentos históricos.

Além da questão de viabilizar um conhecimento sobre determinado período histórico do Japão, permite apreender sobre algumas tradições e hábitos do povo nipônico, onde as tradições culturais são mantidas em contraponto o seu caminhar para a modernidade. Suscita também uma importante discussão sobre os efeitos e consequências da ocidentalização de uma nação oriental. Esta discussão pode ser levada para vários níveis de escolaridade, dependendo aqui também do objetivo a ser alcançado com os estudantes.

A leitura e análise desses mangás, e aqui não se generaliza o estudo de caso para outros mangás, não deve ser entendida como uma simples transmissão de um conhecimento, ou como simples ilustração de fatos. Pode sim ser utilizado para, dentro do estudo da história japonesa, desenvolver um pensamento crítico e consciente sobre a história desta nação.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. Quadrinhos japoneses: uma perspectiva histórica e ficcional. *In*: LUYTEN, Sonia M. Bibe (org). **Cultura pop japonesa**. São Paulo: Hedra, 2005.

CARDOSO, Oldimar. **Concepções sobre função social da História em revistas de divulgação científica**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772005\\_534bce9726641ddcfc9da50b47cc55d7.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772005_534bce9726641ddcfc9da50b47cc55d7.pdf). Acesso em: 22 out. 22.

CARVALHO, Dolean D. **“Mangás e Animês”**. Entretenimento e influências culturais. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/1506>. Acesso em 18 nov 22.

CERRI, Luis F. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da história. **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2133>. Acesso em: 29 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Ensino de história e consciência histórica**. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CIOLIN, Carolina. **Mangá – a arte na cultura pop japonesa**: análise histórica, social e visual. TCC em História da Arte. São Paulo: USP, 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/21871921/Mang%C3%A1\\_A\\_Arte\\_na\\_cultura\\_pop\\_japon\\_jap\\_An%C3%A1lise\\_hist%C3%B3rica\\_social\\_e\\_visual](https://www.academia.edu/21871921/Mang%C3%A1_A_Arte_na_cultura_pop_japon_jap_An%C3%A1lise_hist%C3%B3rica_social_e_visual). Acesso em: 18 nov 22.

EQUIPE WIKIHOW. **Como ler mangás**. Disponível em: <https://pt.wikihow.com/Ler-Mang%C3%A1s> . Acesso em: 20 jun. 2023.

FURUYAMA, Gustavo. **Mangá e a transmissão de Cultura**: o exemplo de Rurouni Kenshin. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) - Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Japonesa, Departamento de Letras Orientais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008

GOTO-JONES, Christopher. **Japão Moderno**. Uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HENSHALL, Kenneth. **História do Japão**. 2ª Ed. Lisboa: Edições 70, 2014.

KAWANAMI, Sílvia. Os quatro samurais mais sanguinários na História do Japão. **Japão em Foco**. 2017. Disponível em: <https://www.japaoemfoco.com/os-quatro-samurais-mais-sanguinarios-da-historia-do-japao/>. Acesso em: 17 nov 23

LIMA JUNIOR, Ronaldo S.; VALLE, Thaís B. **Um Retrato da Indústria Cultural De Massa Japonesa Contemporânea sob a Perspectiva do Documentário “Tokyo Idols”** (2017). *In: Encontro Estadual de História. História e Mídias: Narrativas em Disputa*, 13., 2020. Evento online. **Anais [...]**. Pernambuco: ANPUH-PE, 2020. Disponível em: [https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602095196\\_ARQUIVO\\_49a4b42c43cf8721d87d65e9ff2e3e4f.pdf](https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1602095196_ARQUIVO_49a4b42c43cf8721d87d65e9ff2e3e4f.pdf). Acesso em: 23 out. 22.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Mangá produzido no Brasil: pioneirismo, experimentação e produção.** *In: Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, 26., 2003. Belo Horizonte, MG. **Anais [...]**. Belo Horizonte, MG: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM), 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/190516721/MANGA-NO-BRASIL-Sonia-B-Luyten-pdf>. Acesso em: 20 out. 22.

\_\_\_\_\_. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses.** 3ª ed. São Paulo: Hedra, 2012.

\_\_\_\_\_. **Manga e Animê.** Ícones da Cultura Pop Japonesa. São Paulo: Fundação Japão em São Paulo, 2014.

MOLINÉ, Alfons. **O grande livro dos mangás.** São Paulo: JBC, 2006.

NIPPOBRASIL. **Waskoku.** Culinária Japonesa. Portal NippoBrasil, 2001. Disponível em: <https://www.nippo.com.br/culturatradicional/n095.php>. Acesso em: 20 nov. 23.

SANTOS, Roberto E. **A História em Quadrinhos na Sala de Aula.** *In: Congresso Anual em Ciência da Comunicação*, 26., 2003. Belo Horizonte, MG. **Anais [...]**. Belo Horizonte, MG: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (INTERCOM), 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/2901302/Historia-em-quadrinhos-na-sala-de-aula>. Acesso em: 20 out. 22.

SASAKI, E. M. (2011). **Nihonjinron - teorias da japonicidade.** *Estudos Japoneses*, (31), 11-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143039>. Acesso em: 25 out 22.

SILVA, João N. HQ nos Livros Didáticos. *In: LUYTEN, Sonia M B. (org.). História em Quadrinhos (Leitura Crítica).* s.l.: Edições Paulinas, 1984. p. 55-59. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/160391977/Sonia-Luyten-Historias-Em-Quadrinhos>. Acesso em: 29 out. 22.

TORRES FILHO, Ernani T. A crise da economia japonesa nos anos 90: impactos da bolha especulativa. **Revista de Economia Política**, vol. 17, nº 1 (65), pp. 3-19, janeiro-março/1997.

VIANA, Lázaro R S. **O uso do mangá como material de ensino de História do Japão: uma análise da veracidade na obra de Rurouni Kenshin.** 2013. Monografia. (Licenciatura em Letras-Japonês) Curso de Licenciatura em Letras-Japonês, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

WALKER, Brett L. **História Concisa do Japão**. SP: Edipro, 2017.

WATSUKI, Nobuhiro. **Rurouni Kenshin: Crônicas da Era Meiji**. São Paulo: JBC, 2012. 2ª edição. 28 volumes.



## APÊNDICE A – Volumes Samurai X – 2ª edição

- Volume 1: KENSHIN – Battousai Himura
- Volume 2: Dois retalhadores
- Volume 3: Motivo para agir
- Volume 4: Dois epílogos
- Volume 5: O panorama do kenjutsu na Era Meiji
- Volume 6: Nada para nos preocupar
- Volume 7: Dia 14 de maio do ano 11 da Era Meiji (1878)
- Volume 8: Durante a estrada Toukai da Era Meiji
- Volume 9: Chegada em Kyoto
- Volume 10: O mestre e o discípulo Mitsurugi
- Volume 11: Os demônios se reúnem
- Volume 12: O grande incêndio de Kyoto
- Volume 13: Uma noite memorável
- Volume 14: Esta é a hora de cumprir a promessa
- Volume 15: Um homem gigante contra um grande homem
- Volume 16: O passado Soujirou – Um encontro fatídico sob a luz do luar

- Volume 17: Decisão – O homem que a Era escolheu
- Volume 18: Jinchu – A justiça dos homens
- Volume 19: Ilusão e Realidade
- Volume 20: Reminiscências parte 4 – Tomoe Yukishiro
- Volume 21: Reminiscências – A cicatriz em forma de cruz.
- Volume 22: Kenshin vs Iwanbou
- Volume 23: A consciência do crime e do castigo
- Volume 24: O fim de um sonho
- Volume 25: A verdadeira luta de Yahiko
- Volume 26: As costas de um homem
- Volume 27: Resposta
- Volume 28: Para uma nova era



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ATA DE DEFESA DE TCC**

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Alex Degan, Orientador e Presidente, pela Professora Daniela Queiroz Campos, Titular da Banca, e pelo Professor Carlos Eduardo de Carvalho e Silva Finochio, Suplente, designados pela Portaria nº42 /2023/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Daniel de Castro Bacellar do Carmo**, subordinado ao título:” **Rurouni Kenshin e a Ocidentalização do Japão: O Mangá como Fonte de Ensino da História Japonesa**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Alex Degan a nota final 8,5, da Professora Daniela Queiroz Campos a nota final 8,5 e do Professor Carlos Eduardo de Carvalho e Silva Finochio a nota final 8,5; sendo aprovado com a nota final 8,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia doze de dezembro de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Alex Degan

Prof.a Daniela Queiroz Campos

Prof. Carlos Eduardo de Carvalho e Silva Finochio

Candidato Daniel de Castro Bacellar do Carmo



Documento assinado digitalmente

**Alex Degan**

Data: 14/12/2023 17:23:53-0300

CPF: \*\*\*.404.488-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente

**Daniela Queiroz Campos**

Data: 15/12/2023 09:49:49-0300

CPF: \*\*\*.952.119-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>




Documento assinado digitalmente

**DANIEL DE CASTRO BACELLAR DO CARMO**

Data: 14/12/2023 17:31:06-0300

CPF: \*\*\*.717.468-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

 12/15/2023





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Daniel de Castro Bacellar do Carmo, matrícula nº 18101253, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Rurouni Kenshin e a Ocidentalização do Japão: O Mangá como Fonte de Ensino da História Japonesa**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 15 de dezembro de 2023.



Documento assinado digitalmente

**Alex Degan**

Data: 15/12/2023 15:20:37-0300

CPF: \*\*\*.404.488-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>